

Existencialismo Metafísico

DECÁLOGO,

LEIS HUMANAS

POR

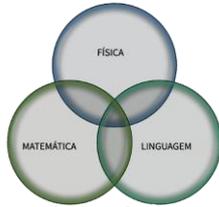
ROMILDO ARAÚJO MACHADO

Novembro de 2014

Belo Horizonte - MG

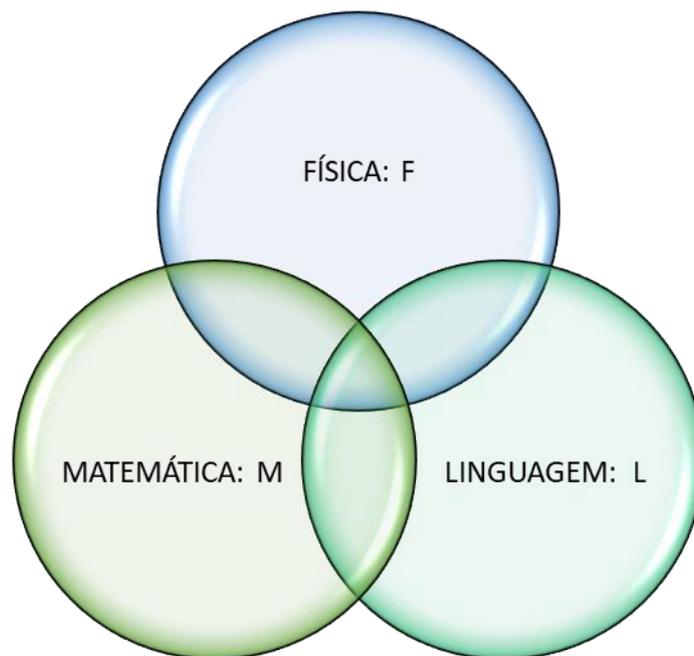
Existencialismo Metafísico

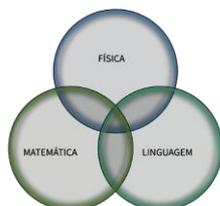
www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

EXISTENCIALISMO METAFÍSICO, A ÚLTIMA FILOSOFIA

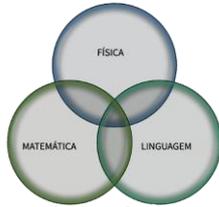




Existencialismo Metafísico

SUMÁRIO

Introdução.....	03
Filosofia.....	11
Mitologia.....	20
História.....	27
Crítica Bíblica.....	40
Arqueologia Bíblica	47
Crítica do Discurso Religioso.....	60
Ciências Físicas e Biológicas	76
Crítica Literária.....	54
Crítica da Arte.....	85
Comércio e Religião.....	94
Política.....	101
Ateísmo.....	115
Crítica Teológica.....	126
Crítica Jurídica.....	134
Inquérito Policial na Busca da Verdade	160
Considerações Finais.....	170
Bibliografia.....	174



Existencialismo Metafísico

Introdução

No estudo da ciência jurídica, nossos mestres ensinam a hierarquia das leis. Num estado soberano, a constituição rege leis maiores. O estudante prestigioso busca leis acima da circunscrita constituição. Os nascidos dentro das religiões cristãs procuram leis sublimes na Bíblia, fonte da justiça divina, uma espécie de codificação divina, superior às leis humanas.

Ao estudar os 10 mandamentos, apontados como divino, surge a decepção. Apesar de ser um dogma das religiões cristãs, tais leis são imprecisas, paradoxais, lacunosas e limitadas. Retirando os mandamentos de adoração do deus hebreu, trata-se de um sistema jurídico basilar de todas as tribos. Proibições como não matar, não roubar e nem pegar a mulher do próximo são princípios de segurança mínima para convivência em qualquer tribo.

Percebe-se, então, o engodo divino, mas é o dogma maior do cristianismo. O que fazer então? Omitir a verdade ou enfrentar este mito? Temos um dever para com a verdade e a humanidade. Vamos investigar a questão de uma visão mais ampla que as teologias mitológicas.

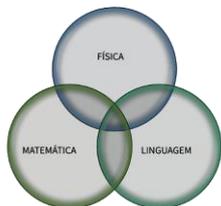
Realmente nascemos com uma espiritualidade. Não há registros históricos de um povo ou tribo sem religião. Recentemente alguns países comunistas proibiram as religiões, mas a espiritualidade inata não se extingue por decreto. Esta universalidade nos leva a ideia inata de uma divindade ou espiritualidade em todo ser humano. As religiões aproveitaram este sentimento inato e construíram mitos e templos em torno dele.

No início da existência humana, o homem em sua infância não tinha explicação para os fenômenos da natureza, temendo-os. Aparecem várias mitologias que explicam a criação da vida e do mundo para confortar e controlar o ser humano. Ainda hoje, o mito funciona como pais que tentam controlar seus filhos para fazer ou deixar de fazer alguma coisa com ameaças de bicho-papão, Saci-Pererê, entre outros.

O ato de adoração seguia o que não se compreendia e temia. Fogo, relâmpagos, trovões, e tempestades passam a ter divindades. Em regra, os deuses eram antropomórficos (em forma de homem), tinham necessidades humanas e precisavam de sacrifícios. Vidas e bens eram oferecidos em rituais de adoração.

Todas tribos e cidades-estados adotavam um panteão de deuses. Divindades mitológicas governavam egípcios, gregos, romanos e semitas. Do conjunto de deuses semitas, a tribo hebraica fez uma reforma política e religiosa e, por decreto, passa a ter apenas um deus. O monoteísmo caminha paralelo com o politeísmo. Deus, Jeová e Alá sedimentaram a ideia de um Criador único e exclusivo. Como assim exclusivo? O crente não precisa entender, mas as religiões são intolerantes.

As religiões, geralmente, têm a mesma estrutura: um criador, um mundo metafísico, uma hierarquia transcendental e/ou mitológica, outra hierarquia humana e uma doutrina. Os sacerdotes, detentores de uma escritura sagrada revelada pelo próprio criador, pregam uma doutrina, rituais e um código de conduta do crente.



Existencialismo Metafísico

Inicialmente as religiões abarcavam todo conhecimento humano. As artes, a economia, o direito, a nutrição, a sociologia, enfim, todo conhecimento estavam em seus ensinamentos, códigos de conduta e seus livros escritos. Com o tempo, tais conhecimentos ganham autonomia.

As teologias pregam o Absoluto, o Criador de tudo e de todos. No entanto, em torno desta ideia do absoluto, as religiões inundaram de outras ideias infantis e as tornaram absolutas também. Principalmente os mitos. A ideia do absoluto não permitiu as religiões evoluírem. Filosofia, Política, Arte e Ciência saíram das religiões, negaram seus mitos e relativizaram o conhecimento.

A teologia cristã teve quase dois milênios de existência, abarcou todo conhecimento, mas não evoluía. Esta síndrome de Peter Pan atrapalha o pensamento teológico e levou todas as searas do conhecimento a criticar o pensamento religioso. A Filosofia foi a primeira a abandonar do pensamento religioso há mais de dois milênios. Depois a Política e a outras áreas da sabedoria, mas ainda assim a Religião ainda tenta um diálogo com elas. A saída da Política permitiu até o Estado ateu.

A infantil mitologia hebraica alimentou a teologia ocidental e a teologia islâmica. O número de judeus no mundo é inexpressivo, mas os cristãos e muçulmanos somam perto da metade do planeta. Vale dizer, cerca da metade da população mundial acredita na mitologia hebraica, criada por uma tribo de hebreus para doutrinar seu povo. Uma crença localizada no tempo e no espaço, mas que rompeu com tais barreiras. Isto representa um atraso teológico de mais de dois mil anos.

Estas religiões acreditam terem tido a revelação do Criador e que realizam a verdadeira vontade divina. Para isto mataram, torturam e guerrearam em nome de seu deus. As duas são dominadas pelo exclusivismo e fundamentalismo como os judeus do passado. Os muçulmanos consideram o Alcorão como a própria palavra de Alá e não a de Maomé. Da mesma forma, os cristãos que vêm a Bíblia como a palavra de Deus.

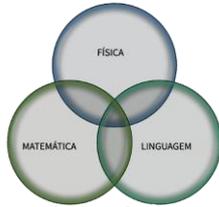
A mitologia hebraica prega a aliança de Jeová com o povo judeu. Tal conchavo político-religioso levou as duas maiores religiões da humanidade a eternizarem a exclusão. Este exclusivismo religioso não permite uma solução, pois as religiões contêm dogmas absolutos, oriundos do próprio deus. Tal impasse só seria solucionado com a submissão de toda humanidade a uma única religião fundamentalista e seus dogmas.

As teologias infantis levaram todos os campos do conhecimento a se libertarem das religiões. A Filosofia afirmava que as religiões representava o Criador por meio de projeção dos próprios defeitos humanos.

A História, a Arqueologia, a Filologia, a Mitologia asseveram que os livros sagrados não são divinos e nem mesmo revelações divinas. É sim uma colcha de retalhos, onde culturas antigas fornecem fragmentos para culturas em formação.

As artes pegaram carona na onda de libertação e tiveram sua autonomia. A Arte saiu das religiões, mas as religiões não saíram da arte. As religiões adotam arte sacra como forma de hipnotizar os crentes, mas a arte profana se diverte com a infantilidade teológica.

A Geologia afirmou que a terra tem milhões anos de existência. Já a Astrofísica data de bilhões de anos de existência da Terra e do Universo. Teólogos biblistas pregavam poucos milhares de anos de existência da vida e do mundo, através da contagem das gerações dos patriarcas bíblicos. A Física e a Astronomia tiraram a Terra



Existencialismo Metafísico

do centro do universo bíblico. A Biologia tirou a criação especial do homem e inovou com o evolucionismo.

Sacerdotes religiosos acreditam que possuem a verdade e que as outras religiões são uma ameaça. Quando surgiu a igreja, separada das sinagogas, criaram-se os antijudeus e anticristãos. As religiões promovem separações dos homens. No entanto o cerne das religiões, credo em um deus (ou deuses) e na imortalidade da alma, é o mesmo. Devido a ideologias e ao exclusivismo, elas passam a divergirem.

As diversas áreas do conhecimento, exploradas ao longo do livro, serão sintéticas e superficiais, citadas apenas para, ao final, se juntar ao Direito e formar um conjunto probatório, como diria os juristas. A verdade para o inquirido policial deve ser vista como um conjunto probatório e não apenas uma prova analisada isoladamente. Da mesma forma, a Bíblia não deve ser analisada isoladamente, mas sim em conjunto com outras áreas do conhecimento.

Como a ciência, o Direito demonstra fenômenos naturais de leis e fatos que as religiões insistem em dizer a participação direta e imediata do Criador. Elas deviam preocupar com a manifestação divina pelos processos naturais e não pelo imediatismo divino. Devem considerar o Criador em termos de causa primeira.

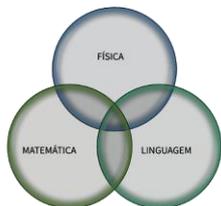
Esta obra faz coro com outras ciências que questionam as teologias infantis e negam que a Bíblia seja a palavra de Deus. O Direito saiu da Religião, mas a Religião não saiu do Direito. Ao analisar os 10 mandamentos supostamente divinos, mostraremos que se trata de uma obra jurídica humana, embrionária, contextual e cultural, localizada no tempo e no espaço hebreu.

A espiritualidade inata no ser humano não deve ser desconsiderada. Não negamos o Criador e o mundo metafísico, pregado por todas as religiões. Negamos sim o pensamento teológico infantil e o ateísmo científico. Não cremos em Deus, nós afirmamos a existência do Criador. Deus existe independente da fé, mas não da razão.

Filosofia

De onde vem a Vida e o Universo? O que somos? Eis as principais questões existenciais. O homem tem necessidade de descobrir quem somos e de onde viemos. *O homem não quer só comida.*

Nossos ancestrais primitivos promoveram uma maneira fantasiosa de explicar a realidade e estas questões, ainda não apuradas pela razão. Atribui-se o surgimento dos mitos a falta de uma explicação racional para os fenômenos naturais como raios, trovões, o dia e a noite. Tais fenômenos eram governados por deuses. Estas explicações tinham sido passadas de geração para geração e foram apropriadas pelas religiões. As religiões detinham todo conhecimento e explicavam os processos naturais de forma fantasiosa.



Existencialismo Metafísico

Por volta do ano 600 aC, nasceu a Filosofia na Grécia como uma forma nova de pensar, pautada pela observação e razão. Surgem os filósofos em busca da verdade e de explicações naturais para os fenômenos. O homem comum acredita na direta intervenção divina de tudo, porém o pensador não se acomoda no mundo, pois este necessita ser esclarecido. Enquanto o homem comum se encanta com o cotidiano e o monoideísmo, o filósofo continua a explorar a existência de vários ângulos.

Os gregos também tinham sua visão mitológica do mundo. As mitologias egípcias e as gregas tornaram as mais conhecidas. Quem não se lembra da cidade celestial de Olimpo com inúmeros deuses chefiados por Zeus? Todavia os filósofos gregos provaram que explicações míticas não eram aceitáveis.

Os primeiros filósofos criticavam a mitologia, porque os deuses representados eram projeções dos vícios do homem, como egoísmo, orgulho, vingança, crueldade. Os africanos imaginavam seus deuses pretos e de nariz achatado. Os asiáticos, com seus olhos puxados. Índios, com ossos atravessados em suas faces. Assim a fisionomia e a personalidade dos deuses dependiam da cultura na qual estavam inseridos. Eles eram projeções da personalidade humana, localizada no tempo e no espaço. Pela primeira vez na história da humanidade, foi dito que os mitos não passavam de produto da imaginação.

Os filósofos viam constantes transformações da natureza e assim tentavam descobrir leis naturais e eternas. Eles queriam entender os fenômenos naturais sem passar pelos mitos. Assim, chuva, noite, primavera passaram a ser fenômenos naturais e não acontecimento do mundo dos deuses. Com isto a Filosofia foi o primeiro campo do conhecimento a se libertar da Religião.

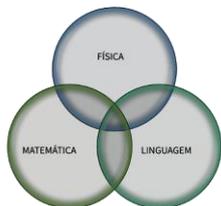
Alguns filósofos pregavam o racionalismo. O pensamento mitológico começa a ceder espaço para o pensamento racional. Diz-se que naquela época ocorreu uma evolução de uma forma de pensar atrelada ao mito para um pensamento construído pela observação e a razão. O objetivo dos primeiros filósofos gregos era o de encontrar explicações naturais para os processos da natureza.

Alguns estudiosos negam a evolução do pensamento mítico para o racional. Compreensível, pois tal pensamento foi utilizado indevidamente para justificar a colonização de povos. Data vêniam tais estudos e comungando com os filósofos, ainda vemos uma evolução de pensamento. Em observação a uma realidade maior, vemos que mitos dependem de cada cultura. Assim os mitos seriam uma catalogação demasiada a depender do número de culturas existentes.

O mitólogo Campbell disse que não se deve ler os mitos da própria religião, pois se interpretará sua própria religião como fato. Mas lendo os mitos alheios, você captará a mensagem por trás dos mitos. Isto apesar do exclusivismo religioso.

Considerando que o pensamento lógico, inovado pelos gregos, tem cerca de 2.600 anos de existência, o pensamento mitológico se perde no tempo, podendo ter surgido a milhões de anos. Isto explica a intensa influência mítica na humanidade hodiernamente. Esta ainda vive em sua infância, por isto a forte influência mítica. A mitologia ainda flui por trás de filmes, literaturas, artes e da própria vida. Vampiros e lobisomem parecem eternizar em nossa cultura.

A Cosmogonia ocupava-se com a explicação mítica da origem do mundo e da vida. Só para citar algumas: no Egito antigo havia vários mitos e divindades da criação,



Existencialismo Metafísico

mas todas tinham adoração pelo rio Nilo, donde surgiu a terra; para os gregos antigos, o Caos gerou Gaia (Terra) e Urano (céu); estes casaram e geraram deuses e os homens. As cosmogonias, via de regra, narravam a fusão e criação de deuses e, em seguida, o mundo e os homens.

O povo hebreu também criou seu mito. Pegaram fragmentos de culturas próximas, juntaram a sua cultura e transformaram em lei divina. Nesta época (e ainda hoje) era comum atribuir autoridade divina a lei e ao rei, dando credibilidade a sua lei e a sua autoridade mundana. Reis e bispos faziam isso. A igreja romana apropriou-se do mito hebreu, atribuiu autoridade divina a si e ao mito hebreu.

Assim como os mitos teológicos infantis atraem a infantil humanidade, as crianças e adolescentes igualmente são atraídos e pensam por meio de mitos e fantasias. Basta citar as febre de cinema que tratam dos mitos bíblicos, de vampiros e lobisomens e sempre voltam com sucesso. Para o pensamento moderno, o mito da antiga civilização hebraica e sua autoridade divina (sem procuração) é um atraso teológico.

O fixismo religioso sofre da síndrome de Peter Pan e insiste em não crescer. As religiões insistem em não avançar no conhecimento e a repetir o ensino fundamental eternamente. A igreja ainda luta contra moinhos de vento. Dogmas, como demônios, tiram todos os atributos divinos: onisciência e a onipresença.

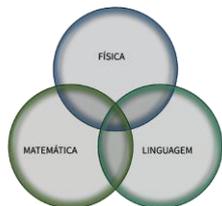
A mente humana acorda com o pensamento mitológico, similar ao infantil feito por meio de fantasias. As crianças, assim como os homens, querem saber de onde vieram. Há algum tempo era normal dizer para a criança que veio de uma cegonha. Hoje as crianças não necessitam desta explicação mítica. O homem e suas tribos, na tentativa de saber de sua origem, criaram seus mitos para explicar de onde viemos. Hoje também não necessitamos de explicação mítica.

A teologia ocidental diz que viemos de Deus e que somos dádiva dele. Por mais de dois mil anos, os cristãos pregam a origem única de tudo que fora confirmado pela ciência moderna. Mérito das religiões monoteístas, quando a Astrofísica expõe que viemos do *Big Bang*. Ou seja viemos de um ponto cósmico, de uma origem única como prega o monoteísmo cristão.

Vamos refletir a questão existencial de nosso gênesis. As religiões monoteístas atribuem à vontade divina a criação de tudo e de todos, segundo seus mitos de criação. A ciência dita oficial nega a existência divina. Entretanto a Astrofísica afirma que o universo tem origem única, fora feito per si há cerca de 14 bilhões de anos com a explosão chamada *Big Bang*. Antes, o Nada.

Para a Ciência, a vida foi produto de vários fatores de sorte e acasos, como a distância precisa entre o Sol e a Terra. O homem foi resultado de acidente cósmico, como o meteoro que caiu na Terra, eliminou os dinossauros e deu oportunidade aos mamíferos. Roedores que viviam debaixo da Terra subiram e, numa evolução fantástica, resultou nos primatas e, por fim, no homem. Eis uma apertada síntese científica.

Noutras palavras. O entediado deus Nada criou o deus Acaso e o deus Sorte, que casaram e explodiram dando origem ao Universo e a Vida. O Universo e o amigo leitor são produto do Nada, do Acaso, da Sorte e de acidente cósmico. Foi do Nada que viemos. Os ateus fazem coro com a ciência. São deuses da ciência e dos atos, ops, digo ateus: o Nada, o Acaso e a Sorte.



Existencialismo Metafísico

Contudo indagamos a ciência: como o Todo veio do Nada? Como pensou o filósofo Parmênides, o Nada não pode transformar em algo. O absurdo lógico deve ser negado pela razão. Resta ainda a questão da existência vir de vários criadores de tudo e de todos, mas em razão da origem única o politeísmo também deve ser negado. Uma origem, um Criador. Várias origens, vários criadores. A origem única nos leva a obra única; obra única nos leva Criador único.

Temos apenas quatro teorias para a criação do universo: a existência desde sempre, o Nada, o Criador e muitos criadores. Não há como vislumbrar outra teoria criativa. Por exclusão, encerramos a origem da Vida e do Universo a causa primeira, ao Criador, Deus, Javé ou Alá, como quiserem.

Assim afirmamos a existência do Criador. Contudo as religiões colocaram o avanço da espiritualidade humana num beco sem saída. O que se tem é uma catalogação infinita de mitos, sendo que uns excluem outros. Se as religiões quiserem se aproximar da verdade, deveram catalogar os mitos e perguntar: Por que o meu mito da criação é melhor que os outros? As religiões deveriam unificar o discurso.

Religião, Metafísica, Arte e Ciência são conhecimentos que se completam. O exclusivismo de um conhecimento o acaba mitificando. O exclusivismo científico vira mito, conforme demonstrado.

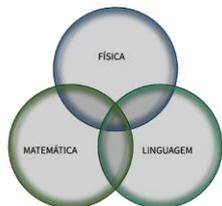
Apesar de haver uma catalogação exagerada de mitos, todas têm as mesmas temáticas. Fato que não se trata de coincidência, tem relevância, tem um fundo de verdade, mas que não se devem interpretar literalmente seus mitos sagrados.

O Criador deve ser pensado em termos metafísicos conectados a Ciência e a Religião. Cientificamente não tem como colocar Deus em um laboratório; teologicamente as religiões apelam para fé cega de seus dogmas estéreis. A Ciência e a Religião isoladas ainda estão presas na verdadeira Matrix. Metafisicamente podemos afirmar a existência divina a partir da origem única das religiões monoteístas e confirmada pela ciência. O filósofo é como o astronauta, vê a realidade de cima sem as fronteiras. Vê sem forças cegas e sem fé cega.

Deus existe independente da fé, mas não da razão.

Mitologia

Em sentido restrito, mitos são diversas narrativas de povos e tribos na tentativa de explicar o mundo metafísico (dos deuses e dos mortos), o mundo físico e tudo que existe neles. Tratam dos mesmos temas em todas as culturas: um mundo físico em interação com outro metafísico, a criação do mundo e do homem, o fim do mundo, objetos sagrados, as forças da natureza, o herói e o *lado negro da força*. Ou como diria Raulzito: *o início, o fim e o meio*.



Existencialismo Metafísico

Esta mistura de dois mundos, o físico e extrafísico, foram apropriados pelas religiões, pautadas em codificações e escrituras sagradas. Ainda promoveram uma hierarquia sacerdotal, porta-vozes divinos, sem procuração para exercer o poder mundano a serviço do poder divino. O mundo metafísico, percebido facilmente ao longo da história religiosa, é pouco estudado. A ciência convencional sempre negou a metafísica. A Parapsicologia, ainda incipiente, registra vários fenômenos de relação entre os dois mundos.

O conceito de mito ampliou com o tempo. A ciência tornou o mito mais complexo e com muitos sentidos. Além da tentativa de explicar a realidade, desprovida da razão, ele também tem outras funções como de manter a ordem social, de manter castas sociais, de tranquilizar o homem apavorado com a natureza instável. A cultura pop o ampliou ainda mais com mitos do esporte, do cinema e da música.

Mito e religião se confundem. Como asseverou o pensador Ernst Cassirer, em sua obra *Antropologia Filosófica: No desenvolvimento da cultura humana, não podemos fixar um ponto onde termina o mito e a religião começa. Em todo curso de sua história, a religião permanece indissoluvelmente ligada a elementos míticos e repassada deles*. Vale salientar que cada religião criou seu mito ou o adotou de outra cultura. Logo há diversas religiões explicando os mesmos temas, como a criação da vida e do mundo.

Ao contrário da Ciência e da Filosofia, o mito não se importa com contradições, com o fabuloso e nem com o incompreensível, pois vem de uma autoridade religiosa. Hoje são teologias infantis, têm sua moral e sua verdade que tiveram relevância pedagógica no passado.

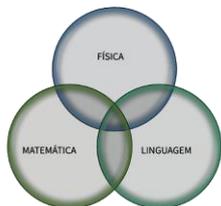
A antiga espiritualidade humana misturava homens e animais. A enigmática Esfinge de Gizé, localizada no Egito, exemplifica esta espiritualidade existente muito antes dos egípcios. Trata do corpo de leão, estendido ao chão com cabeça humana. Tais criaturas híbridas são encontradas em obras de arte primitiva. Com o progresso das civilizações, a espiritualidade também desenvolveu e os animais perderam espaço. A mitologia elaborou deuses focados no homem, principalmente em seus defeitos.

O mito sumério da criação foi o primeiro a ser escrito (em cuneiforme, pois não existia o alfabeto). Este fato influenciou diversas cosmogonias, como a egípcia, a grega, a romana e a semita. Desta última originou a mitologia hebraica, a qual o Ocidente adotou. Não por acaso, nas teologias suméria e cristã o mundo teve a criação em seis dias, o dilúvio, leis em pedra e arca.

As mitologias têm uma verdade velada e caráter simbólico, mas não devem ser interpretadas ao literalmente. Deus criou o mundo, é verdade. Mas não em seis dias, pois não estaria limitado, como o homem, ao dia e a noite deste minúsculo orbe diante do Universo imensurável.

Foram catalogadas várias narrativas de criação do mundo de várias culturas, de vários povos e tribos. Assim para uns a criação do mundo veio de um ovo, para outros de um milho, de um coco, de um gigante. Apesar do caráter simbólico, os mitos foram acomodados pelas religiões. Para o Ocidente, a criação do mundo veio da palavra do Criador.

O povo hebreu inovou com o monoteísmo. O judaísmo influenciou o islamismo e o cristianismo. Têm um princípio em comum: a origem única, a existência de um



Existencialismo Metafísico

Criador de tudo e de todos. Deus, Alá, Jeová, não importa o nome, mas sempre um Ser superior. As instituições humanas do pretérito e do presente têm uma visão mitológica de Deus, como a tribo hebraica do passado. A civilização ocidental ainda tem o demérito de não criar sua própria mitologia.

Cada religião, cada homem tem uma ideia do seu Criador. As culturas têm seu deus (es) antropomórfico (s) que interagem com os homens. Tais mitologias têm um enredo digno do teatro com brigas, ciúmes e crimes passionais, entre homens e deuses. Os deuses pareciam humanos e alguns foram extintos. Para os hebreus, sobrou apenas o guerreiro Javé, o Deus da Bíblia. Ele é produto de fatos históricos e mitológicos.

A mitologia cananeia corresponde aos habitantes do reino antigo de Canaã, a terra prometida dos hebreus, situado no Oriente Médio. Ela foi descoberta a partir de 1928, como resultado de escavações arqueológicas em Ugarit, na Síria. Sua mitologia misturava cultura própria e da cultura mesopotâmica, ainda com deuses representantes das forças naturais.

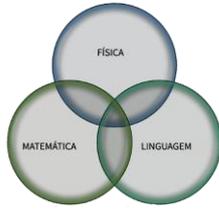
O principal deus cananeu era EL, personagem fundamental da mitologia cananeia, o criador dos homens e dos deuses. No elenco dos deuses, ainda havia sua esposa Asherah, deusa da vegetação e da fertilidade; a filha Anat deusa do amor; os inimigos Yam, deus do Mar; e Mot, deus da morte. Neste panteão de deuses, o guerreiro Javé infiltrará e se tornará único.

Arqueólogos e linguistas localizaram Javé antes da Bíblia ser escrita. Ele não era um deus grandioso, mas apenas um deus guerreiro entre outros deuses maiores. Ele era cultuado por nômades do deserto em contatos com os hebreus. Quiçá estes nômades pregavam a doutrina do Zoroastrismo, considerada primeira religião monoteísta, fundada na antiga Pérsia. Historiadores da Religião asseveram que doutrinas de Zoroastro, como a crença no paraíso, na ressurreição, no juízo final e na vinda de um messias, viriam a influenciar o judaísmo e, por sua vez, influenciar o cristianismo e o islamismo.

Javé incorporou ao conjunto de deuses cananeu. Ele tinha personalidade forte e foi ganhando lugar na mitologia israelita. Os deuses cananeus perdem a guerra contra Javé. Ele destrói o deus maior EL, herda o trono e se casa com a deusa viúva Asherah. Outros advogam Javé e EL como apenas um deus e não distintos. Na própria Bíblia, Deus é chamado de EL (Genesis 33:20).

Josias, rei de Judá, reinou por 31 anos, até por volta do ano 609 a.C. Politicamente ele instituiu grandes reformas. Estudiosos asseveram que este rei determinou a codificação das escrituras hebraicas, durante a reforma deuteronomica em seu governo. Acreditam que tal medida foi política para unificar Judá frente aos inimigos, transformando Javé no único deus e destruindo altares das outras divindades como EL. Josias acaba com o politeísmo, numa canetada, implanta o monoteísmo e acaba por influenciar todo Ocidente e todo o mundo islâmico por milênios.

Indícios de politeísmo são encontrados na Bíblia. O próprio Javé afirma a existência de outros deuses ao proibir a adoração de outros deuses no Decálogo. Se Javé proibiu é porque existiam outros deuses. Com o Novo Testamento, Jeová perde o papel central da narrativa para JC. Também deixa de ser o guerreiro cruel e fica mais bonzinho.



Existencialismo Metafísico

História

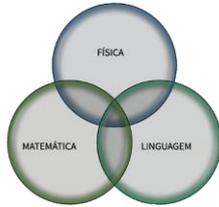
Agricultura marca uma revolução na história humana. Em vez de ficar vagando pela terra, o homem cravou raízes no chão e a população aumentou. A plantação levou a ideia de posse. *Este trigo é meu, pois eu plantei!* Esta ideia levou a outras e nasce uma complexa organização econômica, jurídica e política. A econômica passa da caça-coleta para um sistema de armazenamento agrícola e, com isto, o ócio. A política aproveita a estrutura natural de patriarcas e anciãos.

Um sistema jurídico também existia em estado embrionário. Em Direito, o primeiro axioma é: *onde existe sociedade, existe Direito*. Certamente existiam regras para não matar, não pegar a mulher do outro e não furtar entre as tribos. Era necessário um sistema mínimo de segurança, pois como um tribal iria dormir ao lado de outro com receio de morte? Ou como nosso ancestral guardaria a sua lança ou a sua caça sem outro irmão roubar? O direito surge das necessidades humanas e não de mandamentos divinos diretos. Isto vale para todas as tribos, seja para os neandertais europeus, seja para tribos dos hebreus.

Depois da revolução agrícola, surge a da criação de animais. Com comida farta e agrupamento cada vez maior, surge a terceira revolução. A civilização. Mais gente necessita de mais regras, mais hierarquia, gerando uma organização social mais complexa. Se com os nômades só havia duas profissões (caçadores e coletores), os sedentários e suas cidades inventaram o guerreiro (segurança), artistas (lazer), sacerdotes (religião), artesãos (fabricadores) e funcionários do estado. Este turbilhão de mudanças levou à escrita e ao surgimento da História.

A Suméria foi a primeira civilização humana e floresceu há cerca de 5.500 anos na Mesopotâmia. Tal região ficava entre os rios Tigres e Eufrates, onde nasceram várias cidades históricas e bíblicas. Aquela civilização é importante, pois marca o surgimento da escrita e da história. A pré-história corresponde ao período precedente da invenção da escrita, sem registros escritos. A escrita mostra sua importância para a civilização.

Nesta oportunidade, os sumérios desenvolveram a agricultura e a irrigação, gerando excedentes. Tais excedentes de alimentos proporcionou tempo livre para os sumérios desenvolverem habilidades e técnicas novas. Surgiram mercadores, artesãos, sacerdotes, escribas, comerciantes, cidades-estados, depois impérios, quando reis dominavam grandes extensões com as guerras, estabelecendo leis, organizando exército.



Existencialismo Metafísico

Assim o ócio levou a escrita, também a escola (para escribas), a religião, o estado, classes sociais, considerados elementos principais de uma civilização.

Enquanto especialistas trabalhavam no aumento da produção agrícola, outros desenvolviam a religião. Um sistema cosmológico completo explicava o homem e a natureza através de vários deuses. Os sumérios eram politeístas, possuía um panteão de deuses antropomórficos, representando forças da natureza, presente nas posteriores mitologias do Oriente Médio, entre elas a hebraica e a grega.

Histórias da religião suméria influenciam histórias de outras religiões do Oriente Médio. A ideia bíblica da criação do homem, bem como o dilúvio de Noé, estão intimamente ligados aos contos sumérios. Os deuses e deusas da Suméria têm feições similares das religiões de outros povos. Da mesma forma, as divindades gregas também disseminaram sua cultura, relacionadas a divindades para outros povos como a romana.

Da necessidade de registrar a produção, pagamento, as vidas civis, aparecem os escribas para preservar as informações. A escrita cuneiforme (em forma de cunha) dos sumérios representava objetos inicialmente, ideias e sons posteriormente. Os escribas sumérios conseguiam expressar por escrito tudo o que poderia ser falado.

Antigos mitos e histórias foram gravados, antes transmitidos pela tradição oral da pré-história. O mais conhecido foi a Epopeia de Gilgamés com mais de 3.000 versos, tendo como ênfase o rei Gilgamés da cidade de Uruk. Essa narrativa juntamente com outras influenciaram, mais tarde, a Bíblia e a Grécia. A lenda de Moisés, deixado em uma cesta no rio Nilo é semelhante a de Sargão, igualmente deixado a deriva no rio.

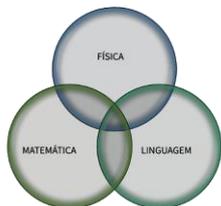
Inicialmente confinada no reino sumério, a escrita espalhou por toda Mesopotâmia e para outros povos. Epopeia de Gilgamés foi a primeira obra literária-mitológica da humanidade. Ela narra um antigo poema épico da Mesopotâmia. Acredita-se que sua origem sejam diversas lendas e poemas sumérios sobre o mitológico deus-rei-herói Gilgamés, provavelmente um monarca que reinou por volta 2.700 a.C.

Gilgamés era um ditador violento. Construiu o muro da cidade de Uruk para protegê-la. Os deuses enviaram o selvagem Enkidu ao “herói” e ser seu fiel escudeiro. Juntos os dois viajaram e lutaram contra monstros mitológicos. Retornam a cidade com a cabeça de um monstro e o rei desperta interesse da deusa do amor, Inanna. Irado, o deus supremo sumério, Anu, envia o Touro Celestial, mas o rei e seu escudeiro eliminam o monstro.

Frustrada a vingança do deus maior, os deuses promovem a morte de Enkidu. Gilgamés, então, percebe sua condição de mortal e busca a imortalidade. Ele encontra um sobrevivente de um grande dilúvio, Utanapishtim, o qual informa sobre uma planta que vive no mar e possui a imortalidade. Ele acha a planta, mas a perde para uma serpente.

Esta história da antiguidade ficou registrada em tábuas de argila, escrita em língua acádica do século VIII aC no reinado de Assurbanipal. Gilgamés foi venerado como semideus e tornou-se pop. Há uma semelhança do caráter semideus de Gilgamés e Jesus, muito comum para o contexto cultural da época e do lugar.

Notem os temas recorrentes mitológicos: vingança, ciúmes, guerra, monstros, relação de homens e deuses. Notem também semelhanças com o Velho Testamento:



Existencialismo Metafísico

dilúvio, serpente que tira a imortalidade. Claramente não se trata de mera coincidência histórica, mas de apropriação cultural.

Código de Hamurabi e os 10 mandamentos

Desde tempos primitivos, o homem tem necessidade de viver em grupo. Desta necessidade surgem outras, como regular uma ordem da convivência. A regra básica, para não haver a própria extinção da tribo, é a proibição de matar o próximo. Esta proibição é a mais relevante até hoje em nosso Direito. Nosso Código Penal defende os direitos mais relevantes da ciência do Direito. Ele inicia o rol de crimes justamente pela proibição de matar.

Em torno desta lei básica foi juntando outras leis até a complexidade atual das leis. Surgem necessidades, surgem leis. O Brasil tem milhões de leis e diariamente são editadas centenas delas. Imagine cada câmara de vereadores, legislando em municípios do país e produzindo suas leis. A complexidade da sociedade produz leis para regular o comportamento das pessoas. A mais antiga lei foi escrita em 2100 aC, decreto do rei Ur-Nammu, antecede em cerca de mil anos os 10 mandamentos (se é que eles existiram). Esta legislação do rei Ur inspirou o código de Hamurabi.

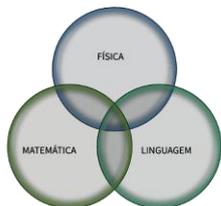
As principais cidades-estados sumerianas, Ur, Uruk, Lagash, conviviam com a guerra, visando unificação. As cidades-estados enfraqueceram com as guerras, permitiram semitas nômades infiltrarem na Suméria e estabelecerem sua capital na Babilônia. O mais ilustre rei da Babilônia foi Hamurabi, governou por volta de 1.800 aC. Ele unificou a mesopotâmia e a suméria. Adotaram a escrita, a arte, a literatura, o sistema educacional e até mesmo a religião dos vencidos. Os sumerianos sucumbiram, mas deixariam sua cultura para as civilizações presentes e futuras.

O rei legislador deixou a maior herança para a humanidade: o código de leis, gravado numa coluna de diorito negro com 2 m de altura, estabeleceu quase 300 sentenças legais. O Código de Hamurabi é um exemplar de leis escrita antiga mais bem preservada, oriundo da Mesopotâmia. Uma expedição francesa o encontrou em 1901, na região da antiga Mesopotâmia, correspondente a cidade de Susa, atual Irã. Durante as diferentes invasões da Babilônia, o código foi deslocado para a cidade de Susa por volta de 1200 a.C. Atualmente ele está no Museu do Louvre na França.

Tal código tratava das classes sociais (homens livres, escravos e funcionários públicos), da lei de talião, falso testemunho, roubo, entre outros. O código uniformizava o comportamento das pessoas no reino e garantia uma cultura comum, como os estados nos dias de hoje. Mas foi a primeira codificação com o princípio da lei de talião, que estabelece a equivalência da punição em relação ao crime. A definição de talião é inconfundível: *olho por olho, dente por dente*. Exemplo de um artigo contido no código de Hamurabi:

Art. 25 § 227 - *Se um construtor edificou uma casa para um Awilum, mas não reforçou seu trabalho, e a casa que construiu caiu e causou a morte do dono da casa, esse construtor será morto.*

A lei de talião também se encontra na Bíblia em Levítico 24:



Existencialismo Metafísico

Se um homem ferir um compatriota, desfigurando-o, como ele fez, assim se lhe fará: fratura por fratura, olho por olho, dente por dente. O dano que se causa a alguém, assim também se sofrerá.

O mesmo princípio legislativo se encontra em Êxodo 21 e Deuteronômio 19.21. Veja esta última passagem:

Vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé.

Apesar da semelhança, o código babilônico antecede em cerca de 600 anos a época de Moisés e em cerca de 1200 anos a escrita da Bíblia. Muito mais refinado e anterior que o Decálogo, código de Hamurabi existe até hoje. Então a pergunta: onde esta o Decálogo?

Esta lei escrita pôs fim à tradição oral legal. Ao escrever as leis na pedra, elas se tornaram imutáveis. Mais uma vez não se trata de coincidência histórica, mas sim apropriação cultural da escrita na pedra dos mandamentos hebreus. Não há inspiração divina ou mosaica no Decálogo, mas inspiração babilônica.

Evidentemente havia uma tradição hebraica oral, codificada e escrita com adaptação de fragmentos de outras culturas. Enfim, historicamente, os 10 mandamentos e leis do Torá tem base em leis anteriores, assim como o código de Hamurabi. A lei do talião na Bíblia tem inspiração da cultura babilônica. Tanto o conteúdo (leis de talião), quanto à forma (inscrita em pedra), temos apropriação cultural e não coincidências históricas.

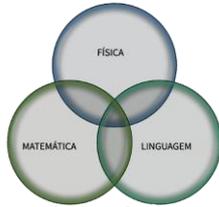
Os 10 mandamentos e os Livros dos Mortos

O Livro dos Mortos vem de um período da história do Antigo Egito, iniciado por volta de 1580 aC, terminado em 1160 aC. Ele significa *Sair para a Luz* e é a designação dada a uma antologia de rituais, magias, feitiços, orações e hinos do Egito, escritos em papiro e colocados juntos de suas múmias. Tal tradição visava proteger o *de cujus* em sua viagem para o mundo extrafísico.

O finado deveria fazer 42 afirmações aos deuses dos portais, antes de ser julgado pelo deus Osíris. São confissões do tipo não matei, não roubei, entre outras que serão citadas abaixo. Parece familiar? Pois é. Egíptólogos vêem semelhanças entre o conteúdo dos 10 mandamentos e do Livro dos Mortos egípcio. Outra razão simples para esta comparação é o exílio judeu no Egito. Biblicamente Moisés foi príncipe judeu-egípcio.

Leis e Religião se misturavam para regular o mundo temporal e o mundo eterno, tanto dos hebreus como dos egípcios. As afirmações perante os deuses são proibições para se chegar à vida eterna. No Decálogo, tais proibições são escritas pelo próprio Javé, ao invés do crente dizer que não as praticou. O Livro dos Mortos também antecede em muito o Torá, livro sagrado dos judeus. Tanto um como outro orientava a vida do fiel em casa e na sociedade para ter acesso a vida eterna. O estilo egípcio permaneceu nas confissões dos fieis perante o padre. Vejam algumas das *Confissões Negativas*, retiradas do Livro dos Mortos:

1. *Eu não cometi pecados*
2. *Eu não assaltei*
3. *Eu não roubei* Êxodo



Existencialismo Metafísico

4. *Eu não agi com violência*
5. *Eu não matei seres humanos*
6. *Eu não roubei oferendas*
7. *Eu não causei destruição*
8. *Eu não pilhei a propriedade divina do templo*
9. *Eu não cometi falsidade*
10. *Eu não sequestrei grãos*
11. *Eu não amaldiçoei*
12. *Eu não transgredi*
13. *Eu não abati o rebanho divino do templo*
14. *Eu não fiz o mal*
15. *Eu não ...*

Os exílios no Egito e na Babilônia foram experiências coletivas dos hebreus e tiveram efeitos na sua religião e cultura. Os mandamentos *Não Matarás*, *Não Furtarás*, *Não Levantarás Falso testemunho*, *Não Cobiçarás a Mulher do Próximo* são lei conhecidas do mundo antigo, inclusive do Egito e da Babilônia.

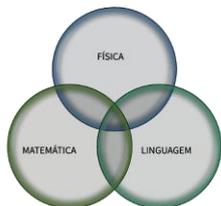
A tradição oral encarregava de normatizar o direito não escrito. Ainda hoje, os costumes fazem leis não escritas, como pegar fila de banco onde que não existe qualquer lei obrigando a pegar a fila. Trata de uma organização social. Essas leis surgem naturalmente em qualquer sociedade para ter um mínimo de convivencialidade.

Provavelmente apenas os mandamentos sem repercussão no Direito e na moral são de origem judaica, como: *Não Adorarás outros deuses*, *Não Fará Imagem de outro Deus e Santificai o Sábado*. Estes são mandamentos de bajulação do deus hebreu. Os outros existiam em praticamente todas civilizações antigas, pois existiam até em grupos tribais.

Crítica Bíblica

O movimento racionalista do século XVII procurou separar Religião da História na Bíblia, artigos de fé da verdade histórica. Spinoza, filósofo holandês, afirmava que a Bíblia foi escrita em sentido figurado e que devia ser interpretada de forma crítica e histórica, fruto do contexto hebreu da época e lugar. Negava dogmas, rituais sem sentido e criticava a ostentação religiosa. Tentaram matá-lo e foi excomungado.

Também o historiador francês Richard Simon, naquele mesmo século, publica *História Crítica do Velho Testamento* e inicia a crítica bíblica em língua francesa. Nesta obra ele contesta autoria do Pentateuco (cinco livros do Antigo Testamento: Gênesis,



Existencialismo Metafísico

Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) por Moisés, pois o mesmo Pentateuco nunca afirma ter sido escrito por Moisés. Mas a tradição insiste na autoria mosaica.

A crítica bíblica investiga as escrituras bíblicas, como obra humana e não como revelação ou inspiração divina. Busca o quando, onde, quem e para quem surgiu a escrita religiosa, além do conteúdo. A comunicação envolve alguém que envia uma informação para outrem. Em Linguística, um emissor que envia uma mensagem para um receptor, dentro de um contexto, espaço e tempo. A investigação conta com outras searas acadêmicas, a Arqueologia, Antropologia, Literatura, entre outras para subsidiar as pesquisas.

A crítica contemporânea trouxe novas abordagens linguísticas na busca do significado dos textos. Surgiu a divisão entre crítica histórica e a crítica “literária”. Enquanto a crítica histórica localiza o texto no tempo e no espaço, a linguística estuda o texto em si, quem poderia ser o autor e o público dos textos bíblicos.

A Filologia é o estudo de uma língua, juntamente com a sua literatura, os contextos históricos e culturais, indispensáveis para uma compreensão das obras literárias e de outros textos culturalmente significativos. Ela aborda problemas de datação, localização e edição de textos. Filologia compreende o estudo da Gramática, Estilística, Retórica, História, Papirologia, a interpretação dos autores, críticos e tradições associadas a um determinado idioma. Estes estudos de textos a partir da perspectiva histórica da linguística permitem as críticas.

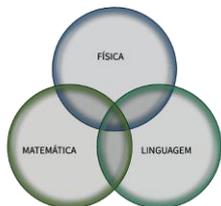
Crítica Textual

A crítica textual analisa o texto em si para identificar sua origem e traçar sua história. Ela observa os erros nos textos, conforme gerações de escribas reproduziam seus manuscritos. Quem nunca praticou a dinâmica de grupo, em que um monitor conta uma história para um membro do grupo, que conta pra outro, que conta pra outro, até o último membro do grupo? Ao final, a história esta completamente diferente da origem. Isto em apenas alguns minutos. Imagine o que ocorre em anos, décadas, séculos de História.

Os escribas copiavam as escrituras, cometiam erros e as cópias de suas cópias também traziam os mesmos erros evidentemente. Os erros formam seguidores de manuscritos: o escriba X produz erros que não estão no manuscrito do escriba Y. Com o tempo, os seguidores dos textos descendendo de X e Y divergirão ainda mais e mais, conforme os erros são adentrados por escribas posteriores.

Tais erros serão sempre identificáveis como descendendo de um ou de outro. A crítica textual estuda as diferenças entre essas famílias para formular uma ideia de como se parecia o texto original. Quanto mais cópias sobrevivem, mais precisa é a reconstrução da crítica.

Crítica Redacional



Existencialismo Metafísico

Estudiosos da Bíblia contam milhares de contradições nela, sejam explícitas ou implícitas. A crítica redacional observa e aponta erros de redação na Bíblia de forma inegável. Desde as primeiras páginas do Gênesis, encontram-se incoerências, repetições e contradições: dois relatos das origens, apesar de suas diferenças, contam de maneira dupla a criação do homem e da mulher; duas genealogias de Caim; dois relatos combinados do dilúvio; incoerências internas ao texto bíblico, como em Êxodo. Na história patriarcal, há duas apresentações da aliança com Abraão; duas expulsões de Agar; três relatos da desventura da mulher de um patriarca em país estrangeiro; provavelmente duas histórias combinadas de José e de seus irmãos nos últimos capítulos do Gênesis.

Veja contradição na criação:

Gênesis 1: 27 *E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher;*

Gênesis 2: 7-22 *Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem tornou-se um ser vivente.(...)Javé Deus disse Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante (...) Depois da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem.*

A contradição é: o homem foi criado juntamente com a mulher, ou primeiramente que a mulher? Ou Deus teria feito o homem para ser assexuado?

Outra contradição: Gênesis 1:31 *E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom.*

Gênesis 6:6 *Então Javé se arrependeu de ter feito o homem sobre a terra, e seu coração ficou magoado.*

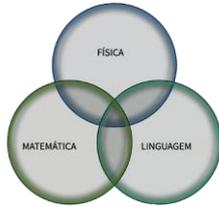
Deus ficou satisfeito ou arrependido com o que havia feito?

A Bíblia também tem dois textos do Decálogo: Êxodo 20 e Deuteronômio 5. Pergunta-se: por quê? Erro de Javé ou dos Homens? A próxima crítica nos responderá.

Crítica das Fontes

A crítica das fontes é a busca de autores (fontes) originais que estão por trás do texto bíblico. A *Hipótese Documentária*, ou hipótese de Wellhausen em homenagem ao seu autor Julius Wellhausen, a partir de análises rigorosas e sistemáticas, imputam a Bíblia uma união de fontes diversas, de diferentes épocas e regiões para formar um manuscrito final, editado por uma tradição tardia. Vale dizer a Bíblia foi escrita por várias pessoas de épocas diferentes. O número destas fontes é fixado como sendo quatro.

As quatro linhas de tradições literárias foram juntadas e editadas posteriormente para finalizar o Torá. Uma é chamada de javeista ou a fonte de Jerusalém, usa o Tetragrama (YHVH) como o nome de Deus. Esta fonte indica atividade no reino do sul de Judá na época do reinado dividido. Ela é responsável pela maioria do Gênesis. Outra, elohista, usa Elohim com o nome divino até Êxodo, onde o Tetragrama é revelado a Moisés e a Israel. Essa fonte parece ter vivido no reino do norte de Israel durante o reinado dividido. Escreveu algumas partes de Gênesis, de Êxodo e Números.



Existencialismo Metafísico

Outra, a deuteronomista, escreveu quase todo o livro de Deuterônimo e provavelmente também os livros de Josué, Juízes, Samuel. Outra fonte foi a Sacerdotal, forneceu o primeiro capítulo de Gênesis, Levítico e outras partes com informação genealógica da classe de sacerdotes. Um redator final juntou todos os trabalhos e concluiu a Torá como conhecemos hoje.

Há um consenso em torno da hipótese documentária, em razão das várias fontes ser a explicação mais plausível pelas contradições, diferenças de terminologia e teologia, histórias duplas e triplas e os interesses geográficos e históricos constantes no Torá. A hipótese tenta conciliar as inconsistências do texto bíblico.

Arqueologia Bíblica

Moisés só existe na Bíblia e nas religiões. Não há um Moisés histórico, nem arqueológico, quicá real. Nem mesmo há registro histórico ou arqueológico da narrativa do Êxodo. Nem mesmo existia o monte Sinai, escolhido aleatoriamente mais de 1000 anos depois. Tal relato é uma história póstuma, ou melhor, foi escrita cerca de 600 anos depois. No entanto há frágeis indícios de outros patriarcas hebreus, mas não tão heróis e nem habitavam extraordinários reinos, conforme nos diz a Bíblia. Se eles existiram eram apenas líderes tribais, inexpressivos politicamente. Se não há registro de Moisés, muito menos o do Decálogo.

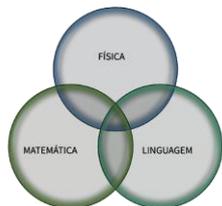
Arqueologia bíblica funciona como a arqueologia geral, promovendo escavações e datações. Seu objeto de estudo são restos materiais, relacionados direta ou indiretamente com os relatos bíblicos e com a história das religiões judaico-cristãs. Tenta reconstruir as civilizações de épocas históricas. Textos antigos descobertos são comparados com de outras sociedades contemporâneas da Europa, Mesopotâmia e África.

A investigação também abrange conceitos imateriais, como o mito, o rito, o sagrado e o culto. A História e arqueologia geral usam o mito em uma nova percepção contemporânea. Eles são objeto cientificamente observáveis e o mito serve como um indício para outras provas. Funciona como o inquérito policial, o processo judicial e administrativo onde não se deve analisar uma prova isolada, mas sim o conjunto probatório.

Assim como todas as ciências, a arqueologia bíblica tem suas próprias especializações e seu trabalho interdisciplinar. A arqueologia bíblica trabalha em conjunto com disciplinas como a Antropologia, a Geologia e outras ciências que permitem ter uma ideia do mundo antigo. Outras disciplinas aproveitam os resultados dela, como a Filosofia e a Teologia.

A Papirologia tem uma relação especial com a arqueologia em geral, sendo uma das maiores autoridades em terreno bíblico. Papiros são documentos mais antigos e as mais importantes provas da antiguidade e originalidade de um texto. Com eles tem sido possível determinar a datação de numerosos documentos antigos e a legitimidade ou não de seus autores.

Os critérios de espaço bíblico variam segundo os diversos pontos de vista dos diversos estudiosos. Igualmente acontece com os critérios do tempo, ou seja, do período temporal sobre o qual as pesquisas devem incidir. O tempo de pesquisas bíblicas não



Existencialismo Metafísico

são precisos, mas pode abranger o período entre o ano 2000 aC e 100 dC. O espaço geográfico focam Israel, Palestina, Jordânia, o Egito, Síria e a Mesopotâmia. Há outros locais, como Grécia e Roma, relacionados com o Novo Testamento.

Hodiernamente os territórios bíblicos contêm escavações, sítios arqueológicos e museus. A arqueologia marca eras históricas e reinos, modos de vida e comércio, crenças e estruturas sociais bíblicas. Sítios arqueológicos são preservados e estudados para o conhecimento de algumas informações históricas, contidas na Bíblia e envolve governantes, personagens, batalhas e cidades. Entre eles: as cavernas de Qumrán, o sítio arqueológico bíblico mais importante de todos os tempos, no vale do Mar Morto; a Igreja do Santo Sepulcro; um complexo de sítios que compreende o alegado túmulo de Jesus e o Calvário. A reconstrução de Jerusalém do Século I foi promovida pela arqueologia bíblica.

Arqueólogos não deveriam ter influências teológicas e nem filosóficas. A Bíblia deveria ser alvo de estudo imparcial, sem negá-la ou defendê-la. Mesmo assim há essas ingerências nos debates entre estudiosos sobre autenticidade e historicidade de registros bíblicos. A falta de confiabilidade nas escrituras promoveu pesquisas arqueológicas, mas a polêmica continua. Estudiosos contestaram a historicidade da Bíblia, imputando-lhe apenas artigo de fé e dividiu os estudiosos em duas correntes de pensamento: o minimalismo e o maximalismo.

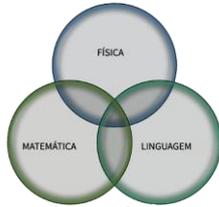
O minimalismo bíblico advoga que o Pentateuco é um amontoado de contos e fábulas, mas não a história da pré-história do povo hebreu. Não existia a escrita na época do Pentateuco. O professor de Estudos Bíblicos na Universidade de Sheffield, Inglaterra, P.R. Davies, em seu livro *Em Busca do Antigo Israel*, publicado em 1992, assevera que o Israel histórico é encontrado nos restos arqueológicos. O Israel bíblico encontra-se somente nas escrituras, sendo um conjunto de fábulas de alguns poucos judeus.

Continuam os minimalistas. Não há solidez histórica das narrações bíblicas nas pesquisas arqueológicas e, assim, os patriarcas bíblicos são tidos como ficção, como as tribos de Israel, os reis David e Saul ou a unidade da monarquia de David e Salomão. Abraão era mercador e utilizava camelos a Bíblia, mas estes, arqueologicamente e historicamente, só foram domesticados 500 anos depois. O sítio arqueológico de Jericó, ao contrário do que diz o relato bíblico, não tinha muralhas na época da invasão hebraica.

A arqueologia demonstra que os hebreus eram ágrafos até por volta do século IX ou VIII aC. Se Javé escreveu hebraico com raios em pedras seus dez mandamentos, os hebreus não poderiam ter lido suas leis.

A primeira parte da Bíblia, uma versão inicial de Deuteronômio, data do rei Josias que reinou Judá entre 640 e 609 aC. Depois o rei da Babilônia, Nabucodonosor, conquistou a Palestina, tomou a capital de Judá, Jerusalém, e levou aprisionados vários judeus para a Babilônia. Na última revolta de Zedequias, filho de Josias, Nabucodonosor arrasa Jerusalém, em 586 aC.

Os maximalistas concordam em parte com as descobertas da arqueologia e os modernos estudos bíblicos. Porém sustentam que as narrações bíblicas são referências históricas e os escritos mais recentes possuem maior solidez histórica que os mais primitivos. Eles estão divididos quanto a alguns temas: uns sustentam que os patriarcas



Existencialismo Metafísico

foram na realidade personagens históricos, apesar dos relatos bíblicos sobre eles não serem precisos; outros afirmam que os patriarcas bíblicos têm uma pequena relação com os distantes personagens históricos.

De qualquer forma, eles têm uma visão crítica do Pentateuco, com menos história e mais invenção. Hodiernamente não se acredita que a Arqueologia apresente qualquer prova da existência dos patriarcas. Entretanto alguns ainda sustentam, com uma pinça na Bíblia, que os patriarcas são personagens históricos apesar dos relatos bíblicos sobre eles não serem precisos.

O consenso historiográfico hoje é de que a Bíblia é um documento como outro qualquer para a construção da história dos hebreus. Portanto, do ponto de vista historiográfico, a leitura da Bíblia envolve a mobilização de instrumentos de crítica que ajude a ler o documento de forma objetiva, procedimento igualmente aplicado a qualquer tipo de estudo histórico.

Toda a história bíblica anterior à monarquia é considerada uma construção póstuma. O mais provável é que esses reinados sequer tenham existido, já que não existem fontes arqueológicas que corroborem a existência de uma grande unidade política na Palestina desse período.

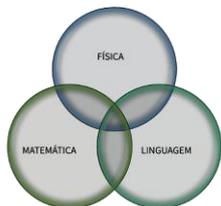
Há os que advogam a historicidade dos patriarcas e seus reinos, embora em níveis menores do que aqueles esboçados pelo relato bíblico. De qualquer forma, as evidências arqueológicas são extremamente contrárias à existência dos patriarcas e de um grande reino hebraico.

Crítica Literária

A crítica literária trabalha com algo irrefutável. Toda narração tem personagens que praticam ações no tempo e no espaço. Ela não quer saber se Deus existe ou se os relatos bíblicos são verdadeiros. Apenas analisa o que existe dentro da própria narrativa e não fora. Seja real ou fictício.

O ser humano tem necessidade atávica de ouvir e contar histórias. Da primitiva conversa em torno da fogueira a moderna internet, a narração é uma prática constante da nossa espécie. O hábito tem inclusive uma função evolutiva, pois permite a partilha de experiências, a troca de conhecimento e o reforço de valores. Muitas narrações são mitos com os quais os povos organizavam sua sociedade, sua cultura e sua religião.

A narrativa do Antigo Testamento compartilhava não só histórias míticas, mas também a lei e a religião do povo hebreu. A evolução fez com que o homem se especializasse em diversas áreas, inclusive a do direito e hoje a lei já não se expressa por meio de parábolas e historinhas morais. As histórias encantam as crianças, têm



Existencialismo Metafísico

função educativa e moral. Nos contos de fadas, os maus são punidos e os bons vivem *felizes para sempre*. Hoje o cinema, o teatro, romances nos contam histórias e mitos.

O professor de literatura americano Jonathan Gottschall, neodarwinista, escreveu a obra “*O Animal Narrador: Como Contar Histórias nos faz Humanos*”. Ele esclarece o comportamento humano a partir da evolução. Histórias de ficção consistem em estratégias evolutivas da espécie humana.

Atualmente inovamos com o formato ficcional, como os videogames produzidos pela tecnologia, mas as histórias continuam com a mesma estrutura: tem sempre um personagem, com um problema e um esforço para solucioná-lo. Seja humor ou tragédia, ação ou romance, nos games ou no cinema, as narrativas continuam crescendo.

As obras de ficção mudam comportamentos e percepções. Elas tornam mais receptivas as opiniões contrárias, quando o opositor depara com filmes e romances que emocionam. O preconceito gay diminuiu em razão das novelas brasileiras. Goethe promoveu uma série de suicídios por causa dos sofrimentos de um personagem.

Uma história não produz só entretenimento, ela também nos molda e é capaz de interferir nos acontecimentos históricos. Por isto a influência da narrativa bíblica. Hitler tinha uma grande paixão pelo cinema que lhe deu uma lição política: filmes, histórias e contos são capazes de convencer e moldar opiniões.

Narrar é contar uma história. Tradição desde épocas primitivas, contavam-se histórias ao redor de uma fogueira. Todos têm esta capacidade, relacionando personagens e encadeando ações. Toda narração tem um enredo, personagens e um cenário localizado no tempo e no espaço. Daí as perguntas sacramentais de todas histórias. O que? Quando? Onde? Quem? Por quê? Como? Com que? Assim cabem aos leitores distinguirem os personagens, como o protagonista, o antagonista, personagens secundários e suas atuações no tempo e no espaço.

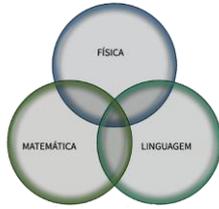
A análise literária trabalha com estas perguntas de onde surgem os ingredientes literários: personagens, enredo, narrador, tempo e espaço. Qualquer história pode ser analisada com base nestes elementos. Até mesmo as histórias da Bíblia. Foi o que fez Jack Miles.

Em 1995, Miles, jornalista e doutor em Línguas do Oriente Próximo, publicou a obra *Deus – Uma Biografia*, em que Deus é um mero personagem. Vale salientar que ele não entra na questão existencial divina, mas apenas analisa o personagem Deus na Bíblia, como faria com qualquer outro personagem. Fato indiscutível é que ele é o personagem central do livro mais lido, mais impresso, mais editado da história humana.

O autor se concentra no Antigo Testamento, pois no Novo Testamento o personagem central é Jesus. Deus entra em cena no livro do Gêneses como um personagem solitário. Não existem homens ou outros deuses com os quais possa contracenar. Ele é a única realidade.

Com uma fala poderosa, Jeová cria todas as coisas e cria o homem a sua imagem e semelhança. Depois percebe que as coisas e o homem são bons, a despeito de sua onisciência. Ele não tinha nada para comparar sua criação. Então, somente depois, pode constatar seus efeitos especiais. Sem a onisciência, Deus aprende com sua própria criação e, depois, com o homem.

Ainda não há a moral e Deus cria sua primeira lei: proíbe o homem comer o fruto da árvore do conhecimento sob pena de morrer. Por quê? Vai saber! Quiçá queria



Existencialismo Metafísico

eternizar a ignorância no homem. Ainda bem que a subversiva cobra convenceu a pecadora Eva comer o fruto proibido.

Deus experimenta seu primeiro arrependimento, descobre a vingança e inova com uma punição ao homem. Expulsa do paraíso e os condena ao trabalho e a vergonha.

Como uma criancinha, Deus mentira a Adão e Eva ao afirmar que eles morreriam se comessem a maçã, a fruta do pecado. Mas a serpente mostrou sua inverdade e eles não morreram ao desobedecerem à ordem divina. Irado, Deus condena a serpente a rastejar, se é que algum dia ela andava.

Adão e Eva não viveriam para sempre, pois Deus não os deixaria viver, mesmo que isso facilitasse sua ordem de crescer, multiplicar, encher a terra e subjugar-lá. Ele os enganou, pois não queria uma humanidade imortal. Viver eternamente era demais, comendo ou não a maçã, foi a serpente quem disse a verdade.

Miles percebe no livro sagrado a evolução consciência de Deus, enquanto corre a história. Quando Caim mata Abel, Deus percebe um crime que até então não existia. Acontece também na cena da Torre de Babel, da destruição de Sodoma e Gomorra, entre outros. Deus descobre noções de certo e errado ao se deparar com condutas humanas.

Deus também tem os mesmos defeitos humanos. Expõe sua vaidade no livro de Jó e sua ira ao ser questionado por Jó. O mais famoso personagem da literatura ocidental faz sua marcha rumo ao autoconhecimento. Ele é uma criança com poder absoluto, criou o homem e o mundo para descobrir a si. Às vezes ele surta com sua criação e promove apocalipse, como o dilúvio.

Sem dúvida, Deus existe como personagem literário, mas altamente questionável como personagem histórico. Como na vida, o personagem Deus não surgiu pronto e completo, mas foi desenvolvendo aos poucos sua complexa personalidade. Em síntese, Deus aprende com o homem. Não o contrário.

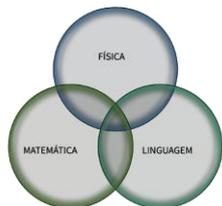
Crítica do Discurso Religioso

O pastor caminha para o púlpito com o livro preto debaixo do braço, com seu terno igualmente preto. Sobe no altar e sentencia:

- Esta é a palavra de Deus.

Este micro teatro nos leva a pensar: a Bíblia é a palavras de Deus? Mas se a Bíblia é palavra de Deus, o Alcorão não o é? Cristãos e muçumanos têm seus deuses e suas escrituras sagrada e querem, como o povo judeu, exclusividade. Querem um deus pra chamar de meu.

A Bíblia, numa rápida síntese, é composta de duas partes, sendo a primeira denominada Velho Testamento, onde se encontra também o Torá, livro sagrado da religião israelita, traz Deus como principal personagem. Neles se podem encontrar relatos da cultura, economia, história e mitologia do povo hebreu, mas adotado pela Igreja e por todo Ocidente.



Existencialismo Metafísico

Na segunda parte temos o Novo Testamento, o Evangelho de Jesus, relatado por Mateus, Lucas, João e Marcos. Nele encontramos a vida, obra e morte de Jesus. Os personagens centrais da narrativa, Deus e Jesus, apresentam duas teologias diferentes: a teologia da guerra e a teologia do amor. Tão diferentes que os judeus negaram a teologia de Jesus e ainda cultuam a teologia da guerra. Inclusive literalmente com seus vizinhos árabes.

Numa análise direta e literal, observa-se que o popular livro preto não trata da “palavra de Deus”, mas das palavras, das frases, dos parágrafos, dos capítulos, em fim, de um livro, ou vários, de Deus. Este texto para ser texto divino obedece a regras internas da sintaxe, da ortografia, da semântica, da gramática. Assim, a bem da precisão do Absoluto (pelo menos Absoluto que se preze, senão teríamos imprecisão e não mais seria Absoluto), dever-se-ia dizer: “estas são as palavras, as frases, os capítulos, os livros, as sintaxes, as ortografias, as gramáticas de Deus”. Num resumo: este é o texto de Deus.

Linguisticamente vemos a Bíblia como um texto e todo texto tem contexto. Apesar de todo idioma tentar a unificação, a língua varia conforme o contexto. Assim o nosso português, a título de exemplo, varia no tempo e no espaço. Essas diferenças podem ser fonéticas, sintáticas, lexicais, semânticas. Além destas variáveis diretas, temos outras tantas indiretas como de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais.

Se alguém quiser ser preciso, tem que levar em conta todas as variáveis. Do macro para o micro: eu falo a língua portuguesa do Brasil, da Bahia, em Porto Seguro, como homem de 40 anos, nível pós-graduado, classe média, etc. Levado ao extremo se pode dizer, amigo leitor, que você tem uma língua só sua.

Além destas variações no espaço, trazemos variações no tempo. Vale dizer, a língua muda no tempo. Com o tempo, estrangeirismos, gírias, a cultura vai sedimentando palavras e expressões em nós. A mudança está em nós e está em nossa língua. Porém paralelo a esta força da mudança, outra força se faz igualmente necessário. A força da conservação. Gramáticos prescrevem regras para o funcionamento da língua; dicionaristas tentam definir os significados precisos das palavras; a ortografia é imposta por decreto-lei governamental.

Por tudo que a Linguística nos oferece, fica difícil sustentar que a Bíblia é a “palavra de Deus”. Como pode a igreja pregar um Deus grandioso e onisciente sem ciência de seus próprios princípios naturais? Não há o mínimo de racionalidade nisso. Se não houver questionamentos, sobrarão apenas a equivocada fé cega. Ah! Sobra também a indústria da fé que produz igrejas milionárias.

Padres e pastores, em seus alteres, asseveram que estão pregando a “palavra de Deus”. Apesar das palavras serem ditas por homens, a Igreja entende que tais palavras foram inspiradas por Deus. Tais palavras seriam, assim como o Absoluto, imutáveis, eternas, para todo o sempre.

As palavras criam conceitos, ordenam a realidade, categorizam e classificam o mundo. A linguagem é, assim, uma forma de apreender aquilo que existe. Cria-se uma nova palavra para denominar outra realidade. Por isso uma língua interpreta e ordena o mundo. O Direito organiza a realidade ao classificar infrações penais em crimes e



Existencialismo Metafísico

contravenções. Esta graduação penal não existe na natureza, mas esta classificação trouxe uma organização social e jurídica.

O pensamento constrói representações das coisas e opera sobre elas. Ele não espelha o mundo. Diferentemente ele classifica a realidade e a interpreta. Nessa função organizadora, ele não existe fora dos quadros da linguagem. Esta condiciona a realização do pensamento, pois este não pode ser captado a não ser pela linguagem.

A linguagem liga o homem a sociedade e a natureza. Com ela o homem retrata a si mesmo e a realidade, dando-lhe poder. Língua, numa palavra, são signos. Com eles, o homem pensa, trabalha, ensina, identifica a sua cultura, seus próximos e a si mesmo. Com ele visualiza o passado, presente e futuro. Enfim dá sentido ao mundo e a si mesmo.

A Arte, a Religião, a Ciência e a Filosofia utilizam a linguagem para retratar a realidade. Elas são os principais alicerces do conhecimento. Cada uma delas tem uma linguagem específica para referir a fatos e objetos ausentes, passados, futuros, hipotéticos. Com sua linguagem própria, conceituam seus termos, definem seus objetos, teses e teorias.

Assim podemos falar em linguagem científica, literária, teológica e filosófica. Mas não é só. Quanto mais específica uma área destas bases do conhecimento, mais específica a linguagem. Então podemos falar em linguagem médica, mecânica, jornalística, metafísica, budista, administrativa.

As bases do conhecimento são universais, pois seus objetos de estudo são o todo. A Ciência dividiu o conhecimento entre o sujeito (aquele que conhece) e o objeto (aquilo que se conhece). A Arte dividiu o conhecimento no “eu” e “não eu”. A Filosofia, na Parte e no Todo. A Religião, no Criador e na Criatura.

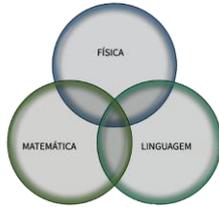
No fundo, tais divisões são a mesma coisa, contudo a Arte centra-se no artista, no “eu” (no sujeito, parte, criatura) do conhecimento. As outras bases do conhecimento concentram no objeto. Intermediários do conhecimento, como jornalismo, biografia, diário íntimo, entre outros hibridismos, ficam entre o sujeito e o objeto.

A palavra tem carga emocional (seara da arte), semântica (campo da ciência) e de juízo (área da moral-crítica). Predomínios da emoção e de juízo apresentam a subjetividade. Predomínios dos conceitos, temos a Ciência e a Filosofia. Estas buscam objetividade e precisão em seus signos. Ao contrário, artes empregam discursos polivalentes quanto à semântica. Vale dizer há várias interpretações para cada obra de arte.

Objetividade e subjetividade são dois atributos inversamente proporcionais que permeiam a escrita. Devem ser explanados preliminarmente, pois a depender de qual linguagem se utiliza mais se aproxima de uma delas ao tempo que se afasta da outra. A Arte tem a visão centrada no sujeito, a Ciência tem foco no objeto, em razão das doutrinas materialistas e mecanicistas.

Quanto mais a linguagem se aproxima do objeto, mais se afasta da visão pessoal; e vice-versa. Logo a escrita (ou a fala) vai da subjetividade literária, passando por diversos hibridismos, até chegar até a objetividade científica. Então as linguagens literária e científica são, neste prisma, antagônicas.

O texto objetivo busca distanciar do próprio objeto de estudo. Isto dá um toque de credibilidade aos dados colhidos pela investigação científica. A Academia costuma



Existencialismo Metafísico

dizer que tal objetividade dá confiabilidade a sua escrita impessoal, como se ela fosse verdade universal e impassível de questionamento.

O texto pessoal considera-se duvidoso, válido muitas vezes apenas para o autor e não para a maioria. Sinais de pessoalidade, como verbos na 1ª primeira pessoa do singular (pesquisei, estudei), pronomes igualmente na 1ª pessoa do singular (eu, meu), expressões pessoais (acho, acredito, a meu ver...), são proibidas pela Academia em suas teses e dissertações, por serem consideradas subjetivas e não confiáveis.

A religião precisa ser expressa pela comunicação. Da mesma forma que outros sistemas de conhecimento, o teológico tem regras, lógica e vocabulário próprios. Este conhecimento permite um crente participar do processo religioso. A linguagem religiosa relaciona e integra fiéis ao Criador dentro de um sistema teológico. Ela também constrói uma verdade para os crentes. A identidade religiosa baseia na linguagem e forma um pensamento homogêneo. Com isto a linguagem é o coração das religiões.

O discurso religioso enaltece o texto sagrado, base das religiões. Tal escrita sempre é revelada a um profeta escolhido por um deus que dita o texto. Este passa a ser chamado de “a palavra de deus”. Tais escritos constituem, geralmente, de um conjunto de narrações, mitos, rituais, dogmas, verdades absolutas e inquestionáveis, interpretado exclusivamente pelo clero. Alguns apropriam destes textos e afirmam serem os intérpretes divinos, elo entre o todo poderoso e os fiéis. Constroem templos e uma classe hierárquica clerical, elegem objetos, imagens e lugares sagrados. Asseveram ser representante divino, mas sem procuração.

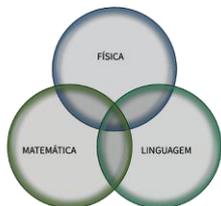
O discurso teológico induz a fé cega em textos e configura a verdade absoluta para o crente. Nada retira a verdade absoluta das escritas sagradas para seus seguidores, nem mesmo contradições e nem mitologias que permeiam todas as escrituras religiosas. A canonização de textos os torna sagrados e por isto imutável. Isto leva para unidade linguística e cultural de uma sociedade, fortalece instituições religiosas e políticas. As escritas sagradas funcionam como um organizador social, como o velho sistema de castas indiano, oriundo das antigas escrituras Vedas. O não cumprimento das determinações sagradas constitui crime contra deus, ou pecado.

A verdade para um crente não o é para um não crente ou fiel de outra religião. Um sistema teológico exclui todos os outros. As duas religiões monoteístas, cristianismo e islamismo, são exclusivistas (a verdade é só de cada uma delas) e imperialistas (devem buscar fiéis de outras religiões, alguns até com emprego de violência).

Chamam a Bíblia de “a palavras de deus”, contudo seus pregadores trazem uma grave contradição: no contexto que ela dita, falava-se o hebraico. Então a palavra de Deus era hebraica. A tradução para o Latim, então, não poderia ser chamada de a palavra de deus. Qualquer tradução deixaria de ser “a palavra de deus” para ser “a tradução da palavra deus”.

O livro sagrado foi escrito em Latim, por isto, até recentemente, rezava-se as missas em Latim. O povo nada entendia e nem era para entender nada mesmo, pois a igreja queria o monopólio da “palavra de deus”. Lutero teve a nobre missão de amenizar este desacerto, ao permitir a livre interpretação e tradução da Bíblia.

Autoridades eclesiásticas canonizam e declaram seus textos sagrados, mas as críticas histórica e literária atribuem tais textos aos homens. Há também crítica lógica



Existencialismo Metafísico

como a defesa da entidade opositora de Deus (vulgarmente conhecida como diabo, demônio, capeta) que retira atributos divinos (onipotência, onisciência). Pior, estas incoerências são inquestionáveis, pois se trata da palavra de deus. Os fiéis não podem pensar, nem questionar a fé cega.

Paradoxalmente a fé do bem (não a fundamentalista e violenta) gera pensamento positivo e produz um bem estar no fiel, já mapeado pela Ciência. Pensamento positivo gera energia e trás resultados físicos importantes ao crente. Assim, por este prisma, a fé é importante para o iniciado. Noutra giro, a fé do mal, fundamentalista, que leva a violência, gera rancor e consequências danosas e físicas ao crente.

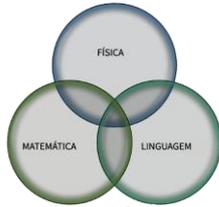
A linguagem teológica das doutrinas cristãs interpreta a Bíblia e espera acatamento dos fiéis. Não permite outras interpretações, pois são consideradas heréticas e no passado tais interpretações foram para a fogueira da inquisição junto com seus autores. Destarte a Igreja ambiciona unicidade de interpretação e almeja precisão, como a comunicação científica.

Acontece que a Bíblia tem claramente fragmentos de mitologia e poesias e, como tais, permitem mais de uma interpretação. Neste particular, a Bíblia passa a ser aberta a várias interpretações e aproxima da Literatura. Além destes problemas há também problemas linguísticos e históricos da Bíblia, como autoria, data da escrita e da sua publicação e questões de ordem semântica.

Poderíamos então dividir a Bíblia em duas partes: uma que permite várias interpretações, como as que têm aspecto poético e ficção mitológica; e outra que tem o aspecto legal e histórico e que deveria ter única interpretação. Mas mesmo esta parte invariável é criticada e acaba ocorrendo várias interpretações. Usaremos uma crítica gramatical do decálogo para ilustrar as muitas interpretações possíveis do que deveria ter interpretação única.

Segundo relato bíblico, Moisés recebe o Decálogo de Deus em duas pedras. A linguagem arcaica do hebraico não possuía pontuação nem de divisão das frases. Isto resultou não em tradução única, mas numa celeuma de interpretações, a critério das religiões, para dividir o texto hebreu em 10 mandamentos. Evangélicos, católicos, judeus e ortodoxos não se entendem e trocam acusações de adulteração da Bíblia. Se o leitor comparar a Bíblia dos judeus, dos evangélicos e dos católicos, teremos 12 mandamentos e não 10. Vejamos em Êxodo 20, retirado do site católico <http://www.bibliacatolica.com.br>:

1. *Então Deus pronunciou todas estas palavras:*
2. *“Eu sou o Senhor teu Deus, que te fez sair do Egito, da casa da servidão.*
3. *Não terás outros deuses diante de minha face.*
4. *Não farás para ti escultura, nem figura alguma do que está em cima, nos céus, ou embaixo, sobre a terra, ou nas águas, debaixo da terra.*
5. *Não te prostrarás diante delas e não lhes prestarás culto. Eu sou o Senhor, teu Deus, um Deus zeloso que vingo a iniquidade dos pais nos filhos, nos netos e nos bisnetos daqueles que me odeiam,*
6. *mas uso de misericórdia até a milésima geração com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.*



Existencialismo Metafísico

7. *“Não pronunciarás o nome de Javé, teu Deus, em prova de falsidade, porque o Senhor não deixa impune aquele que pronuncia o seu nome em favor do erro.*
8. *Lembra-te de santificar o dia de sábado.*
9. *Trabalharás durante seis dias, e farás toda a tua obra.*
10. *Mas no sétimo dia, que é um repouso em honra do Senhor, teu Deus, não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu animal, nem o estrangeiro que está dentro de teus muros.*
11. *Porque em seis dias o Senhor fez o céu, a terra, o mar e tudo o que contêm, e repousou no sétimo dia; e por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o consagrou.*
12. *Honra teu pai e tua mãe, para que teus dias se prolonguem sobre a terra que te dá o Senhor, teu Deus.*
13. *Não matarás.*
14. *Não cometerás adultério.*
15. *Não furtarás.*
16. *Não levantarás falso testemunho contra teu próximo.*
17. *Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu escravo, nem sua escrava, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada do que lhe pertence.”*

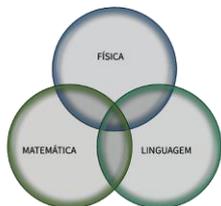
Ficam assim mais ou menos os mandamentos:

- 1 - Eu sou o SENHOR, o teu Deus;
- 2 - Não terás outros deuses além de mim;
- 3 - Não farás para ti nenhum ídolo;
- 4 - Não tomarás em vão o nome do SENHOR, o teu Deus;
- 5 - Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo;
- 6 - Honra teu pai e tua mãe;
- 7 - Não matarás;
- 8 - Não adulterarás;
- 9 - Não furtarás;
- 10 - Não darás falso testemunho contra o teu próximo;
- 11 - Não cobiçarás a casa do teu próximo;
- 12 - Não cobiçarás a mulher do teu próximo.

Mas a conta aumenta se considerar cada verbo como um mandamento. Alguns não foram considerados como mandamentos autônomos: não cobiçar o servo do próximo; não cobiçar a serva do próximo, não cobiçar o boi do próximo, não cobiçar o jumento do próximo.

O judaísmo considera um mandamento a apresentação do Senhor (1), enquanto a evangélica considera apenas um prefácio, mas as duas consideram apenas um mandamento os dois últimos (11 e 12). A igreja Católica considera os dois últimos mandamentos (11 e 12) independentes e desconsidera o primeiro por ser uma afirmação e unifica o 2º e 3º mandamento.

A considerar a tese de Santo Agostinho que individualizou dois mandamentos da cobiça (desejar a mulher e a casa do próximo) e negou as outras quatro cobiças (servo, serva, boi e jumento) como autônomas, pode-se interpretar que todas as cobiças seriam



Existencialismo Metafísico

um mandamento autônomo e que há 16 mandamentos e não 10. Entretanto se considerar cada verbo do texto hebraico como um mandamento autônomo a soma aumenta.

Em síntese, as linguagens religiosas consideram seus textos sagrados, imutáveis e querem interpretação única, como as linguagens científica e filosófica. No entanto seus textos possuem fragmentos poéticos e mitológicos, provoca multiplicidade de interpretações e subjetividade como na linguagem literária. Até os textos bíblicos de aspectos legais também tem outras interpretações e gera a falta de credibilidade no conteúdo. Não se importam com contradições, ambiguidades, clareza, mas querem normatizar e padronizar o comportamento de seus fiéis. Aspiram ao padrão culto da linguagem, denotativo, mas não conseguem.

Ciência Física, Biológica e Psicológica

A disputa entre Ciência e Religião pela posse da verdade adentra por todas searas das ciências. A Religião vem perdendo terreno há muito tempo. Astronomia e Física iniciaram este atrito. Depois Biologia, Psicologia, Astrofísica, entre outros.

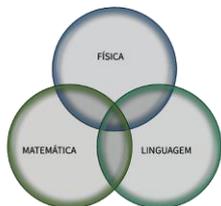
No século XVI, Nicolau Copérnico dá um golpe na concepção religiosa do Universo ao equacionar o heliocentrismo, a Terra circula ao redor do Sol. Ele negava o geocentrismo bíblico (o Sol girava ao redor da Terra). O geocentrismo tem fundamento na Bíblia: Josué mandou parar o Sol, para evitar a noite, enquanto os hebreus ganhavam uma guerra. A teoria do modelo heliocêntrico de Copérnico foi publicada em seu livro, *Da Revolução de Esferas Celestes*, durante o ano de sua morte, em 1543. Ele não publicou em vida com justo receio da fogueira eclesiástica.

No século XVII, Newton demonstra leis físicas do movimento dos corpos (da inércia e da atração dos corpos), válidas para todo o universo. Com isto ele afasta antigas ideias medievais segundo as quais as “leis” do céu eram diferentes da Terra. Esta nova visão da Física encontra tremenda oposição da Igreja. Apesar da interpretação equivocada da Igreja, Newton considerava as leis da natureza provas da existência de um Deus grande e poderoso.

Galileu Galilei modernizou o telescópio, percebeu os movimentos da Terra e do Sol e escreveu *Diálogo sobre os dois grandes Sistemas do Mundo*. Apesar de ser amigo do Papa, a Inquisição o julga e o condena a abjurar publicamente suas opiniões. Isto é, a desdizer o que disse. Quando uma religião tem poder político, não há liberdade de pensamento. Vejam as teocracias até hoje existentes. Vá pensar, requerer liberdade e direitos humanos para elas. Você será punido com a fogueira santa.

Galileu ainda foi condenado a prisão domiciliar e seus livros são postos no *Index Librorum Prohibitorum*, uma lista de livros proibidos pela igreja. Galileu era amigo do Papa, mas Giordano Bruno não teve a mesma sorte, queimado na fogueira por pensar diferente da igreja.

A igreja Católica só reviu a sua posição recentemente e oficializou o heliocentrismo com 4 séculos de atraso. O Papa João Paulo II lamentou as aflições de Galileu e defendeu o diálogo do discurso da fé e da Ciência. Ele ainda pediu desculpas por todas as merdas praticadas pela igreja Católica em quase 2.000 anos de existência, incluindo o julgamento de Galileu pela Inquisição.



Existencialismo Metafísico

No século XIX, Charles Darwin publica a obra *A Origem das Espécies* com duas teorias, sendo uma que pressupõe uma evolução biológica e outra a seleção natural. O evolucionismo assegura o desenvolvimento gradual do homem, animais, vegetais, da vida em geral, enquanto a seleção natural prega a lei do mais forte ou do melhor adaptado ao ambiente.

A Filosofia tem uma visão crítica dos mitos ao encontrar explicações naturais para processos da natureza. Darwin, da mesma forma, encontrou uma explicação natural para a criação do homem e dos animais. Ele colocou em questão a visão bíblica sobre a criação especial do homem por Deus. A concepção biblista prega a criação imediata da vida por Deus de forma pronta e acabada, ao contrário do evolucionismo.

Dizem ser contrária ao criacionismo, a teoria evolucionista. Mas em verdade ela é contrária ao fixismo bíblico da criação, acreditando que cada espécie animal foi criada pronta e é imutável por um ato da criação. O evolucionismo prega alteração gradual das espécies e pode levar a transformações dramáticas, considerando o fator tempo.

O cristianismo existe há cerca de 2.000 anos. Enraizou no Ocidente. O evolucionismo científico existe somente há 155 anos. Muitos entendem que as duas doutrinas são contrárias, mas elas são compatíveis. A evolução não é algo estranho a Deus e ao homem que já foi um ovo, depois embrião, feto, criança e adulto. O que é isto senão evolução? Deus criou os processos naturais, pois não há imediatismo no mundo físico. Deus criou o mundo em forma de evolução e de mérito. Não pronto e acabado como quer a gênese bíblica.

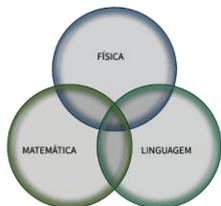
Temos contradições se alguém explica o criacionismo de forma fixista e em termos mitológicos do tipo que: Deus fez o mundo em 6 dias; Adão e Eva foram os primeiros seres humanos; Noé fez uma arca e abrigou todas espécies de animais. Apesar do fundo de verdade de todo mito, teremos contradições não só contra o evolucionismo, mas também contra todas outras doutrinas religiosas, como a oriental, indígena, tribal, pois todas têm o mito da criação. Todas têm uma explicação para o início do mundo a partir de uma entidade criadora extrafísica. Deus, Maomé, Jah, Jeová, Tupã, Grande Espírito ou deuses africanos.

O evolucionismo salta os olhos. Einstein dizia que não há nada instantâneo no universo. Ou como nós, advogados, dizemos é o Processo. Você, caro leitor, nasceu a partir de uma célula. No processo fantástico de evolução transitou pela vida intrauterina, pela infância, adolescência até chegar à vida adulta.

A vida na Terra começou há mais de três bilhões de anos a partir de uma célula. Sim, a vida começou de seres unicelulares, transitou pelo vegetal, animal até chegar ao homem. Isto é Ciência e deve ser ensinado em todas as escolas, independente de crenças religiosas. Para nós não há contradições e exclusões entre tais conhecimentos.

Agora, quando a ciência tenta encadear a história da vida em processos aleatórios e conclui que o universo fora feito per si, do Nada, teremos contradições e exclusões. Dizer que o Universo e a vida é produto do Nada é ilógico, não faz sentido. Como o Todo veio do Nada? Como o Nada pode produzir a evolução?

A Vida e o Universo têm propósito, pois sem este a moral acaba. Deve-se viver intensamente sem a moral, custe o que custar. Crimes e paixões são justificados se o Universo não tem propósito. Hitler está justificado. Pedofilia está justificada num universo sem propósito.



Existencialismo Metafísico

Recentemente foi a vez da Astrofísica se juntar as críticas bíblicas. Em suas pesquisas e estudos, surpreendem o mundo com a teoria do Big Bang. Ela afirma que o Universo tem origem única e fora feito per si, há cerca de 14 bilhões de anos com a explosão chamada Big Bang. Antes, o Nada.

As religiões monoteístas afirmam a existência do mundo por um ato de vontade. Um ato de criação de uma divindade. Uma origem única. As religiões politeístas pregam muitos deuses, mas até a ciência de hoje nos leva a nossa origem única, o que nos leva a um ato único, uma vontade única. Não há um deus que criou o sol, outro que criou a terra, outro a tempestade, outro as águas, pois tudo teve origem única. Logo devemos rejeitar o politeísmo. Certamente os deuses do politeísmo fora confundido com assessores divinos, anjos, espíritos de escol, ou qualquer outra terminologia teológica que quiserem. As religiões monoteístas tem o mérito de sempre pregarem a origem única.

Vimos do Nada ou de um Criador? A resposta vem da autoridade da razão. Ela nos diz a existência do Criador. Em ressonância com o exposto, agora podemos afirmar a existência de Deus. Dispensa-se a ciência despiritualizada e a fé cega. Agora se pode dizer que o Cosmo e nós somos produtos de um ato de vontade do Criador.

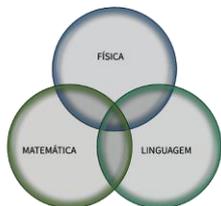
Oportuno salientar que a Ciência já dá sinais de luz. Há o princípio científico oriundo da Cosmologia: *o Universo foi feito para a Vida*. A coordenação de forças físicas e seus ajustes finos não foram obra do acaso e sim de um poder criador.

Agora falta às religiões se curvarem a razão, abandonarem seus dogmas e mitos. Falta seus líderes sentarem na mesma mesa para unificar o discurso teológico. A Igreja não dá sinais de aceitação do evolucionismo. Espero que não levem quatro séculos para aceitá-lo, como ocorreu com o heliocentrismo. Seria um atraso enorme para humanidade.

Os historiadores têm apontado três revoluções do pensamento humano que marcaram e impactaram a vida moderna: Nicolau Copérnico prova que a Terra não é o centro do Universo e, portanto, o homem não está no centro da criação; Charles Darwin prova que o homem é produto da evolução zoológica e, portanto, o homem não é a criação especial; Sigmund Freud prova que o homem não é dono de si mesmo. O Eu aparente, é a ponta do iceberg, efeito da causa, o inconsciente submerso.

Tais conhecimentos mexeram na concepção de cosmo e vida. Nós, os homens, não somos mais senhores do universo, senhores da criação e nem senhores de nós mesmos. Contudo a razão nos faz reorientar.

Racionalismo foi um movimento intelectual importante na história, inspirado na cultura grega. O pensamento desloca do Criador para o Homem. Ele trouxe uma nova visão de Deus. Surgi uma nova religiosidade e uma nova visão do homem. Mais importante do que a relação com a igreja, é a relação pessoal de cada um para com Deus e o próximo. Não há lugar para Adão e Eva na vida real, mas sim ao lado de fábulas, ao lado de sereias, dragões, animais de muitas cabeças.



Existencialismo Metafísico

Crítica Artística

Nas cavernas Lascaux da França, milhares de pinturas de animais revelam muita mais que apenas arte do homem da idade das pedras. Tal apreciação da natureza, segundo estudiosos, mostra uma espiritualidade embrionária do homem pré-histórico. Arte, Mito e Religião buscam dar sentido a existência.

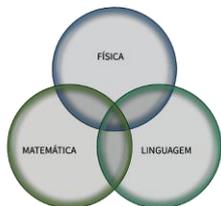
Desde os primórdios da humanidade, a história da Arte está intimamente ligada às práticas religiosas e aos sentimentos. Posteriores ao instinto, fé e emoção cresceram lado a lado. Isto para aqueles que vêm distinção entre elas. A razão só apareceu recentemente com o “milagre” grego.

A união Arte-Religião pode ser vista até os dias de hoje em todas as culturas. Por todo o mundo, elas passam pelas grandes crenças universais e também pelos rituais mágicos e cultos tribais e indígenas.

No mundo Ocidental, com a união do Império Romano ao cristianismo, a Arte esteve ligada a Igreja até poucos séculos atrás. Durante toda a Idade Média, a arte religiosa valorava o ensinamento e a exaltação dos sentimentos religiosos da cristandade. Após o período do Renascimento, com todas as mudanças ocorridas nas ciências e com o surgimento do estado laico, a Arte desgarrou das igrejas, surgindo então manifestações artísticas autônomas.

A Arte em todas as suas distintas áreas possui uma produção totalmente independente do mundo religioso. A Arte saiu da Religião, mas a Religião não saiu da Arte. Em muitas localidades, especialmente em pequenas cidades e em países pouco industrializados, existem poucos espaços para a promoção da Arte. Os artistas só encontram espaço para mostrar e aprimorar seus talentos artísticos nas escolas e nas igrejas.

Arte religiosa manifesta por meio das diferentes formas artísticas, associadas às crenças, aos cultos espirituais ou aos inúmeros rituais dedicados aos deuses, seres ou forças sobrenaturais. De modo geral, a arte religiosa objetiva promover na pessoa ou grupo religioso sentimentos de fervor, reverência, submissão e acolhimento das práticas religiosas. Vale dizer, visa promover a fé através da exaltação da emoção.



Existencialismo Metafísico

No Ocidente, as músicas gospel louvam as religiões e o Criador ao som de guitarras e modernos instrumentos eletrônicos. Elas tornaram a arte mais popular entre os religiosos, independentemente de qualquer igreja.

Literatura religiosa ocorre em todas as paróquias e congregações cristãs, produzidas por seus cleros. Livros produzidos pelos ídolos pop, como Marcelo Rossi e Edir Macedo, vedem milhões, apesar de não terem conteúdo. Tais obras contêm biografia, citações bíblicas, orações e sermões. Ou seja nada de novo, além do seus universos e de suas igrejas. O cinema também é incentivado com as superproduções bíblicas, sendo campeão o martírio de Jesus. Eles adoram crucificar o JC.

Há algumas passagens bíblicas de dança no Velho Testamento, mas não existe gênero de dança gospel. Ela funciona como um adendo nos palcos e nos púlpitos religiosos e ajudar a hipnotizar os fieis. Geralmente os neopentecostais fazem mais uso da dança ao lado da música.

A pintura, a escultura e a arquitetura foram muito forte dentro do cristianismo, possuem uma grande história. Elas estão em todas construções de igrejas, basílicas, catedrais, mosteiros, sempre adornados com esculturas e pinturas sacras. No interior mineiro, ficou famoso o trabalho do escultor, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

Na capital mineira, temos a igreja da Pampulha, cartão postal da cidade, construída pelo então prefeito Juscelino Kubistchek, com arquitetura de Oscar Niemayer, pinturas de Portinari, painel abstrato com Paulo Werneck, jardins com Burle Marx. Alfredo Ceschiatti esculpiu os baixos-relevos em bronze do batistério.

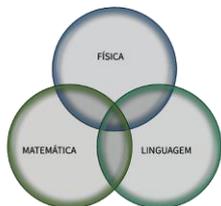
A escultura e a pintura têm tradição dentro do catolicismo, pois foram usadas para representar o corpo de anjos, santos, profetas ou de Deus. Mas vale salientar que tal prática é abominada pelos protestantes que vêm heresia em tal atitude, ao infringir um dos mandamentos do Decálogo. Aquele que proíbe culto a imagens.

Não há consenso na conceituação da Arte. O que é a Arte? Para alguns é uma forma de expressão do artista. Para outros é uma visão do mundo. Religiosos vêm na Arte um elo com o mundo espiritual. Ativistas dirão que é uma crítica do status quo, o establishment, daí a arte engajada.

Modernamente alguns conceituam a Arte como a expressão do “Eu”, matriz de todas artes. Ciências, religiões e filosofias buscam precisão em seus signos. Ao contrário, artes empregam discursos polivalentes quanto à semântica. Enquanto a Ciência e a Filosofia foca o objeto de estudo, a Arte centra-se no artista, no “eu”, no sujeito do conhecimento. Vale dizer, a arte é subjetiva. Buscar emocionar as pessoas.

A Arte quase sempre está ligada as emoções. A relação da Religião com as emoções podem ser perigosas. Quando a fé cega aproxima de emoções extremas, teremos o radicalismo e o terrorismo. Ainda hoje vemos pela Tv e pela internet barbárie de religiosos exaltados. Terroristas com sentimentos extremos de raiva e de fé cega degolam inocentes em nome de seu deus. Razão deve vir antes dos sentimentos e da fé. Ou seja devemos pensar primeiro, depois emocionar e ter fé.

Mas a arte religiosa ou laica tem sempre uma função transcendente de criação. Deus é o artista supremo. Então a Arte está em todos. Todos podem desenvolvê-la. Palavras, curvas, tintas, notas, vazios traduzem e sintetizam conceitos e ideias de muitos universos e sensibilizam profundamente pessoas de todos os continentes.



Existencialismo Metafísico

Entretanto a infantil teologia hebraica será alvo da arte secular e do humor, enquanto ela existir. Enquanto Deus for aquela criança vingativa e cruel do Velho Testamento, a crítica artística bíblica será uma festa. Ateus, artistas, filósofos e cientistas têm deliciado com o humor crítico religioso. Enquanto a mitologia hebraica se eterniza no Ocidente, prefiro a versão simpática da gênese da banda Blitz. Pelo menos ela é criativa (onde nos aproximamos do Criador), ao invés da plagiada versão hebraica.

A Verdadeira História de Adão e Eva
Banda Blitz

*Aí bicharada, é festa no Paraíso!
Cada macaco no seu galho
Quero ver dançar!*

*Adão vivia em paz
Andava nu pelo Paraíso
Se dava bem com os animais
E tinha tudo o que era preciso*

*Aí ele disse
Me dá (dá, dá, dá)
Oh, Deus me dá! (Ai Deus me dá!)
Eu já não sou mais garoto
Eu quero um broto e só Você pode dar*

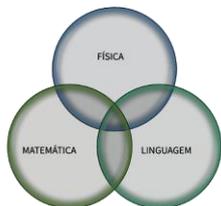
*Adão era "assim" com Deus
E tinha tudo o que queria
O mar, o fogo, o ar, a terra
Só não tinha companhia*

*Um dia ele disse
Me dá (dá, dá, dá)
Oh, Deus me dá! (Ai Deus me dá!)
O paraíso é pouco
Eu quero um broto pra poder conversar*

*(Vou comer maçã, vou comer maçã
Vem comer maçã, vem comer maçã)*

*Aí o céu se abriu e a terra estremeceu
Você não se chama Eva e nem tampouco Adão sou eu*

*Me dá (dá, dá, dá)
Oh, Eva me dá! (Ai Eva me dá!)
Quero amor no almoço*



Existencialismo Metafísico

E maçã no jantar

*O tempo foi passando
E a vida era uma beleza
Adão trazia a comida
E Eva botava a mesa
Mas só que um dia Eva sorriu
Para o macaco Mandril
Adão montou numa zebra
E se mandou pro Brasil*

*Aí Eva disse
Me dá, dá, dá. Adão me dá
Aí Adão me dá
Adão segure sua cobra
Que eu tô com maçã de sobra pra dar*

*Me dá (dá, dá, dá)
Oh, Eva me dá! (Ai Eva me dá!)
Eu quero comer de novo
Já cansei de ovo com guaraná*

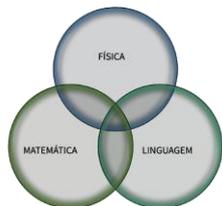
*Me dá, dá, dá. Adão me dá
Aí Adão me dá
Adão segure sua cobra
Que eu tô com maçã de sobra pra dar*

*Vou comer maçã, vou comer maçã,
Vem comer maça, vem comer maça.*

Crítica Comercial

A depender do contexto, fé tem muitos sentidos. Administrativamente fé (pública) pode significar legitimidade de funcionário público num ato administrativo, a exemplo do escrivão que autentica um documento. Dentro próprio contexto religioso, a fé tem muitos significados. Pode ser fidelidade ou imposição a uma seita, a uma doutrina, um ritual. Também pode ser lealdade a uma divindade, deuses, santos, ou orixás. Ou, como no setor público, fé significa legitimidade de uma autoridade religiosa.

A fé não se importa com contradições, mitos, provas e razão. Basta a crença, a confiança, a convicção de que algo é verdadeiro e poderoso. Este algo pode ser em



Existencialismo Metafísico

relação a uma pessoa, um santo, um objeto sagrado, uma ideologia, um sistema dogmas de uma determinada religião. Para os crentes e seus doutrinadores, Deus é uma questão de fé e não de razão.

A Ciência não reconhece este sentimento como verdade, pois ele não apoia em provas ou na razão e pode resultar em falácias, imaginação e ilusão. Doutrinadores cristãos usam repetidamente a tautologia, um raciocínio circular em que afirmam e justificam com a mesma afirmação em outras palavras. Os padres e pastores usam a Bíblia para fazerem afirmações e justificam suas afirmações com a própria Bíblia. Exemplifico. O padre afirma que os 10 mandamentos são divinos e justifica que são divinos porque está na Bíblia, a palavra de Deus. Percebem que as premissas são iguais; afirmação e justificação são iguais; o raciocínio dá voltas e não vai a lugar nenhum.

Racionalistas criticam a fé cega sem apoio na lógica ou em provas. A irracionalidade da fé leva ao radicalismo como ataques terroristas. Fundamentalistas encontram apoio em escrituras sagradas, onde o que mais se tem é violência praticada pelo todo poderoso. No caso da Bíblia, Deus promove genocídios gratuitos contra etnias e povos.

A irracionalidade levou crentes ao ateísmo e deísmo. Ou seja aos sem religião e sem Deus; e aos sem religião, mas com Deus. Entretanto a fé em Deus é sentimento forte e amplo. Cristãos, mulçumanos, judeus asseveram a existência divina na história e sua relação com os homens. Historiadores negam este registro histórico e esta relação.

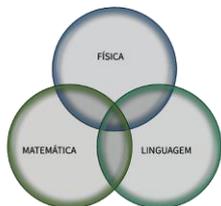
Os crentes alegaram as evidências naturais e o design inteligente como provas da existência divina. Apesar de plausível tal argumento e da tentativa de unir Ciência e Deus, não houve apoio científico. O método científico e o naturalismo metodológico não aceitam design inteligente como Ciência. Para esta, Deus encontra apoio somente na fé, pois não há como colocá-lo em um laboratório para quantificá-lo e nem tem como falseá-lo.

O vácuo racional, o sentimento inato da espiritualidade, dogmas retirados de teologias infantis levaram ao grande comércio da fé. O dízimo é o imposto divino. Significa a décima parte de algo (salário, renda), pago voluntariamente ou como imposto para Deus, ou melhor, para as igrejas. Na antiguidade, reis exigiam o dízimo de seus povos.

Émile Durkheim, considerado pai da sociologia, asseverou que o dízimo teria origem no pensamento mitológico. No início, bajulavam-se os deuses com os sacrifícios e ofertas para obter bom cultivo da agricultura, boa pesca, boa coleta. As religiões viram um filão no sacrifício e transformaram em dízimo. Por fim, o estado transformou em impostos, a versão laica do dízimo.

O primeiro patriarca judeu, Abraão, usa o espólio de uma guerra para pagar dízimo ao sacerdote-rei chamado Melquisedeque. Esta foi a primeira citação bíblica do dízimo. Depois Moisés sacramenta o dízimo com outro relato, o qual determina o pagamento de dez por cento dos animais e colheitas recolhidas, uma vez ao ano. Abraão, Moisés e todos patriarcas bíblicos eram guerreiros e alguns pagaram dízimos com espólio de guerra. Infere-se que não há necessidade da origem do dízimo ser ilegal ou imoral, desde que seja pago.

O dízimo, a venda de indulgências e outros conchavos tornaram a igreja Católica uma das instituições mais rica do mundo, quiçá a mais rica. A teologia da prosperidade



Existencialismo Metafísico

presenteou os protestantes com a riqueza. Esta doutrina cristã advoga a graça financeira como desejo de Deus para os devotos da fé e do pensamento positivo, sendo as doações proporcionais ao aumento da riqueza do fiel. Foi uma falácia para contornar o dízimo, o crente pagar mais e aumentar a riqueza da igreja.

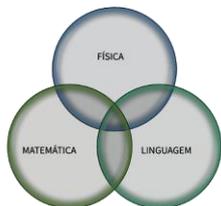
A teologia da prosperidade interpretou a Bíblia como um contrato entre Deus e os humanos: se os crentes tiverem fé em Deus, ele dará prosperidade ao fiel. Juridicamente imposto e contrato são dois institutos completamente diferentes, impossíveis de substituir um ao outro. Mas na Bíblia e com Deus pode tudo. Tal contrato ainda tem um plus. Além da riqueza, há o afastamento de doenças. Tome-lhe cura nos altares das igrejas. Tirando o teatro e a farsa de alguns picaretas, fenômenos de cura podem acontecer, com base no Parapsiquismo, ainda desprovido de estudo científico e racional.

As religiões tentam preencher um vácuo existencial do homem. O sentido da vida. As igrejas se organizam, buscam fieis e crescem, visando atingir a toda população com seus ensinamentos infantis e sua autoridade. As igrejas se dividem em milhares de seitas e causam um paradoxo. Como conquistaram a totalidade, se a própria igreja se divide? Existem milhares de igrejas e seitas cristãs. Mesmo assim mais fieis significa mais poder e mais dinheiro. Para isto elas se valem da tecnologia moderna e da ciência da Comunicação.

A concorrência entre as igrejas buscam instrumentos, como marketing, para vender a fé e alcançar cada vez maior número de fiéis. O mercado de bens de consumo promoveu estudos para vender seus produtos. Aparece o marketing para venda de bens de consumo e depois para venda de ideologias políticas e religiosas. Marketing religioso foi desenvolvido pelas igrejas e demais segmentos religiosos para ampliar o número de fieis. A fé vira produto de consumo.

Há uma espécie de self servisse da fé. Os programas de rádio e Tv, os jornais impressos, o uso da internet pelas religiões comunicam as doutrinas religiosas à massa, ao tempo em que reclamam seu quinhão. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), liderada pelo bispo Edir Macedo, a Igreja Internacional da Graça de Deus, do missionário R.R Soares são as mais populares pelo emprego de ampla programação televisiva. Chegam a ficar mais de 24 horas no ar ao usar mais de um canal televisivo. Tais igrejas são justamente as que mais têm crescido e que usam com mais veemência as estratégias de marketing e comunicação de massa na caça de fieis. A igreja Católica também utiliza a Tv para transmitir sua doutrina, ainda domina a maior massa de fieis, mas passou pelo auge e agora vem perdendo espaço para as chamadas evangélicas.

Os pastores arrebanham suas ovelhas em nome de uma crença, para usar a metáfora bíblica em que as reais ovelhas submissas acompanham fielmente pelos pastos seus reais pastores. A indulgência em troca do dízimo vai enchendo o cofre da Igreja. O eficiente sistema tributário das igrejas tem base em dogmas antigos e não em Jesus, que não cobrava dízimo (pastores já pleiteiam o trízimo) de ninguém. Uma indignação moral ocorre com a relação promiscua do comércio e religião. O comércio do produto fé.



Existencialismo Metafísico

Crítica Política

Bíblicamente Moisés e o povo hebreu viviam exilados num estado teocrático. Vale dizer, no Egito, o faraó era um soberano ditador, adorado como um deus. Culturalmente e contextualmente, Moisés atribuiu autoria divina às suas leis para um povo ignorante, acostumado com o engodo egípcio. Senão tais leis não seriam respeitadas.

Vale salientar também outra influência política na Bíblia. O exílio babilônico e o contato com a cultura deles influenciou a escrita bíblica a alegar autoria divina do Decálogo. O famoso Código de Hamurabi também creditava origem divina de suas leis.

Hodiernamente a maioria dos estados é laica (separação de estado e de religião). A secularização foi um processo lento, mas manteve, via de regra, a liberdade religiosa e o pluralismo religioso. Porém alguns estados aniquilaram as religiões. Sob o comando da velha Rússia, alguns estados se tornaram ateus.

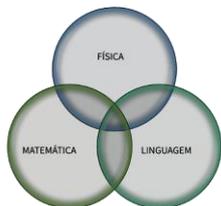
Noutro polo, perigosamente, vários países de maioria muçumana, ainda unem política e religião, vivem ditaduras teocráticas muitas vezes sob comando de seitas radicais e violentas. Quando a religião detém o poder político, detém também a arte, ciência, filosofia, o direito, enfim, a vida dos fieis. Neste caso direitos humanos não existem e tribunais eclesiásticos aplicam penas cruéis e a lei de talião. Não há liberdade de pensamento e nem individualidade.

O Islã não é apenas uma religião, pois em sua essência é uma ideologia política. Islã significa submissão e adota um sistema de regras rígidas para a sociedade e a vida de cada pessoa. O Islã não é compatível com a liberdade e a democracia. A Sharia, mistura de direito e religião, dita todos os aspectos da vida do homem. O modo de vida mecanizado é 100 % religioso.

Muitos muçumanos interpretam o Alcorão de forma pacífica, mas são os radicais que assumem o poder político com sua violência. Os muçumanos pacíficos acabam reprimidos pela violência dos radicais. O islamismo acaba sendo visto com certo receio do imperialismo islâmico pelos ocidentais. Eles imaginam submeter todo o planeta a Sharia.

O Ocidente já conhece esta história de violência religiosa, quando a igreja Católica tinha o poder político e mesmo depois quando tinha influência política. As Cruzadas, a Inquisição, a imposição doutrinária aos colonizados são exemplos de abusos, violência, tortura de fieis, subordinados e colonizados. Felizmente para o Ocidente, ela perdeu influência no poder político.

Direitos humanos, como a vida e a integridade física, foram conquistados graças a filósofos, juristas e políticos. A Igreja nunca ligou a mínima para direitos dos homens,



Existencialismo Metafísico

pois sempre se concentrou no divino e seus dogmas. Para o homem, a Igreja impõe deveres e não direitos. Sem poder político, sem autoridade para impor, os crimes eclesiais migraram para outros, como pedofilia e preconceito.

Da mesma forma que na antiguidade, a igreja atual atribui autoridade divina aos seus clérigos. Seu sistema hierárquico passa longe da democracia, mas bem próxima de uma ditadura militar. Sua rígida hierarquia traz punições severas para indisciplina. Sua justiça não possui princípios processuais democráticos, como direitos jurídicos consagrados de ampla defesa e contraditório.

A Política saiu da Religião, mas a Religião não saiu da Política. Todas religiões são uma teocracia. Num plano macro, realmente o Criador governa por meios de leis naturais. Assim as religiões têm um fundo de verdade. No plano micro, as religiões usam esta ideia do Criador para exercer poder ditador. Contudo o governo menos pior é a democracia.

Na teocracia, os religiosos governam em nome de um deus ditador, mas sem nenhuma procuração divina. Líderes teológicos, sem nenhuma autorização divina, praticaram desmandos. No Ocidente, papas insuflaram guerras e acumulavam fortunas, clero mostraram ostentação, hipocrisia e arrogância. Não havia nenhuma autoridade legal para conter tal mal.

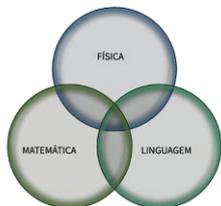
A Igreja subiu no trono em Roma, onde fora enterrado o apóstolo Pedro, o qual, diz a igreja, fora o primeiro Papa. No entanto o duvidoso apóstolo Pedro negou Jesus por três vezes, segundo a Bíblia, e nem fora o melhor dos apóstolos. Nem sequer há um evangelho oficial dele. Mesmo assim, com este argumento, atribuiu autoridade divina ao papa. Aparece a infalibilidade papal.

O papa é infalível e a Bíblia é a palavra de Deus. Os grandes reis e sacerdotes atribuíam autoridade divina a si para dar credibilidade a suas palavras e ações. Mas nenhum deles tinha procuração divina. Nenhuma via. Segundo a Bíblia, Jesus e Moisés, aparentemente, tinham uma procuração verbal de Deus. Estes não montaram nenhuma igreja, mas tentaram a unificação do pensamento moral e divino.

Antes perseguidos pelos romanos, depois os cristãos assumem o poder e passam de perseguidos a perseguidores. Lembram-nos um jornalista, referindo ao PT quando assumiu o poder no Brasil: é o mesmo filme com papéis trocados de oposição e governo. O poder político tem destas coisas. Carl Jung via duas forças irreconciliáveis. O Amor e o Poder. Dizia: *Onde reina o amor, não há vontade de poder, e onde domina o poder, falta o amor. Um é a sombra do outro.* Já John Emerich via apenas corrupção no poder. Ele disse: *O poder corrompe. O poder absoluto corrompe absolutamente.*

No poder, a Igreja estruturou seu tribunal de Inquisição e caçou “bruxas” e infiéis. Sua justiça tinha como principal prova de acusação, quiçá única, a confissão sob tortura. Bastava um cidadão não gostar do vizinho e informar a Igreja que ele era um herege para soldados prendê-lo, torturá-lo e a Igreja executá-lo na fogueira santa.

A maléfica estratégia eclesial envolvia toda a comunidade na caça aos hereges para torturá-los e matá-los. Tal tática ganhou as ditaduras, como o fascismo, nazismo e comunismo. Uma instituição forte, totalitária, imperialista, como a Igreja, inspirou estados ultranacionalistas, mobilizadores da massa vigilante dos ideais de um estado forte. A violência justifica ideais do seu líder militar. Como a Igreja, estes estados não simpatizam com a democracia.



Existencialismo Metafísico

Esta estratégia foi empregada pela ditadura militar no Brasil. Havia até a malfadada polícia política (DOPS). Bastava alguém acusar seu vizinho chato de “comunista”, que um eficiente soldado ou policial estava na porta para prender o “subversivo” e levarem-no a tortura. Esta foi a herança da Igreja para a humanidade: ditadura, imperialismo, táticas de manipulação social com seus dogmas, justiça injusta e tortura.

A Inquisição foi fundada durante os séculos XII e XIII. No século XIX, os tribunais da Inquisição foram suprimidos pelos estados europeus, mas foram mantidos pelo Estado Pontifício. Em 1908, a instituição foi renomeada Sacra Congregação do Santo Ofício. Em 1965, o Vaticano maquiou a Inquisição com outro nome, Congregação para a Doutrina da Fé. Sua função é ainda difundir a doutrina católica, como o mito do Decálogo, mas sem o poder político, sem o poder da fogueira na aplicação da pena capital. O fogo simbolizava a purificação, configurava a ideia de desobediência a Deus (pecado) e ilustrava a imagem do inferno. Hoje se pode dizer que o inferno era a Igreja.

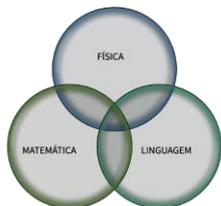
A Inquisição tinha poder político para autorizar, ou não, impressos de livros. Assim ela controlava o pensamento e proibia conteúdo considerado herege nos livros. O *Index* listava os livros proibidos e considerados hereges. Também devemos aos juristas, políticos e filósofos direitos humanos de liberdade de expressão e de pensamento. Pela Igreja, até hoje não teríamos a liberdade de pensamento sob pena da fogueira.

A Igreja apropriou da Bíblia e sua interpretação para atender interesses ideológicos. Escrita somente em latim até Lutero traduzi-la. Ainda continuou rezada em latim até os anos 60, quando o Papa Paulo VI promulgou uma nova liturgia. Os fieis não entendiam nada de latim e nem era para entender mesmo. A Igreja mantinha seu poder como dono da “palavra de deus”. Sempre houve um monólogo religioso e não um diálogo quanto a Deus. O papa Ratzinger, antes de pedir pra sair, teve o descabro de voltar com a liturgia antiga, exercida de forma extraordinária.

A ideia de Deus baseia na falácia de argumento de autoridade. A Bíblia, interpretada pelas autoridades eclesiásticas, tem validade total e atropela todos outros argumentos racionais ou científicos. Não vale para a Igreja, então, técnicas de dedução, indução, comparação, analogia, causa e efeito, estatísticas e de fatos para chegar a verdade.

A igreja nega a realidade, nega uma relação dialógica e não permite questionar sua autoridade e sua ideia sobre Deus. Numa democracia você ouve objeções, debate ideias, apresenta ideias contrárias e refuta outras, mas não é permitido pela Igreja ou pelas religiões. Religiosos descartam a lógica e utilizam apenas a retórica de sua autoridade. Isto implica emoções e valores ideológicos de forma escamoteada, revista de aparência lógica.

O argumento da autoridade não permite os fieis de pensar por si. Pastores e padres vêm com ideia pronta, sem possibilidade de reflexão, e deixa os fieis sem vida própria. Linguisticamente as escrituras sagradas seriam resultado da codificação divina, decodificadas pelo interprete divino. Aos fieis, cabem passivamente aceitar a interpretação, sem reflexão e sem consciência. É um monólogo. Isto na contramão da sociolinguística que tem uma concepção de língua como interação social. A comunicação funciona como um diálogo, em que os envolvidos constroem o sentido do texto.



Existencialismo Metafísico

Em busca de ideologias por trás das falas, o pensador francês, Michel Pêcheux, propôs de um novo objeto de estudo chamado discurso. Na visão crítica, ideologia busca poder nas relações sociais. Todos têm um papel social, fruto do poder. A ideologia é velada e sutil, utiliza a linguagem para se sustentar e perpetuar no poder. Ele invoca o “entremeio” de ciências para o estudo do discurso, no caso, a Linguística, Psicanálise e do marxismo.

A princípio, Michel fez o estudo pensando na política. Mas este estudo também pode ser aplicado nas religiões, pois elas têm política e ideologia em suas entranhas. Em Linguística, adota-se o pensamento do estruturalismo, enfatiza o código na comunicação, no caso a Bíblia. Os sujeitos da comunicação, padres e pastores, são mecanizados pelo sistema, como meros decodificadores do texto sagrado.

Análise do Discurso considera construções ideológicas presentes num texto ou fala dentro de um contexto histórico-social. Significa que o discurso não é um produto individual, no caso padre ou pastor reflete uma visão de mundo determinada pelo sistema eclesiástico. A interpretação da Bíblia implica um religioso com determinada identidade religiosa, social e histórica.

Tal estudo dialoga com o marxismo, ao adotar o materialismo histórico de Karl Marx. Para ele, eram as condições materiais de vida numa sociedade que determinavam nosso pensamento e nossa consciência. Para Karl, tais condições eram decisivas também para evolução da história. As instituições políticas e religiosas, chamados de superestrutura, são reflexos da base materiais. As condições materiais de uma sociedade sustentam todos os pensamentos e ideias de uma sociedade. Marx dividi a sociedade em classes dominantes e classes dominadas. A luta de classes movem a história e sua evolução.

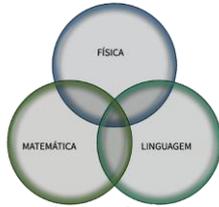
Agora, com um dedo em Freud, a Análise do Discurso adota a teoria do inconsciente da psicanálise e afirma que o discurso ideológico é produzido inconscientemente. Da mesma forma que existe uma ideologia por trás da sociedade, também no discurso há uma ideologia por trás, ainda que inconscientemente.

A Análise do Discurso do Religioso, então, promove o encontro das três disciplinas. O texto sagrado supervalorizado relativiza o sujeito do discurso (Linguística), que advoga uma ideologia eclesiástica inconscientemente (Psicanálise), produto do materialismo histórico (marxismo).

As palavras são ideológicas, têm força e poder. Exemplos político e religioso: politicamente, a depender da ideologia de um jornalista, ele poderá titular sua reportagem “MST invade” (tom criminoso) ou “MST ocupa” (tom social). Pastores e padres chamarão a Bíblia de sagrada, de palavra de Deus; um filósofo ou historiador a chamará de palavra dos homens. Aqueles têm necessidade profissional ou de poder sacralizar seu livro.

A ideologia utiliza recursos retóricos como as metáforas, hipérboles, ironias e os sentidos das palavras. Os cidadãos aceitam passivamente o discurso religioso, sem debate ou questionamento. O senso comum sustenta inconscientemente as ideologias eclesiásticas. Eles acolhem o poder religioso como certo, natural e de aceitação geral. Quanto menos evidente a ideologia, mais eficaz ela é.

O discurso ideológico tem estratégias como a legitimação. Ela estabelece como legítima e justa as relações de poder, as assimetrias sociais: pobre e rico, governante e



Existencialismo Metafísico

governado, clérigos e fiéis. A universalização diz ser benéficos para todos, como o slogan: *Brasil, um país de todos* ou o mito do paraíso religioso.

Fragmentação isola infiéis e não partidários, apresentados como uma ameaça ou inimigo ao bem-estar geral. Ex. as elites de Lula e o inferno para os infiéis. Coisificação é a técnica para eternização do domínio. A ideologia oculta e obscurece as causas reais. A eternização do poder. Estas são algumas técnicas e falácias para legitimar a eternização do poder eclesiástico.

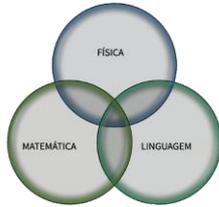
Alguns pensadores e teólogos vêm a Igreja como um grande engodo, mas também eles creem na necessidade desta pseudoverdade chamada Igreja. Ela funciona como um conforto emocional e espiritual. Tipo placebo, funciona por que seus defensores acreditam. O pensamento positivo coletivo, realmente, tem poder.

Entretanto a evolução não para e esta realidade está mudando com os rápidos meios de comunicação. A internet encurtou o tempo e o espaço. No século XIX, o homem se deslocava numa velocidade máxima do seu cavalo. A colocação do motor em cima de rodas (trem a vapor) diminuiu o tempo e espaço. Naquela oportunidade foi dito. Tempo é dinheiro. Transcendendo esta máxima, digamos. Tempo é conhecimento. Resta a Igreja mudar ou morrer.

Ateísmo

A teologia ocidental, alinhada a mitologia hebraica, está com um atraso de mais de 2.000 mil anos. Tal mitologia tem imprecisões, absurdos, contradições, fábulas, que ainda, em pleno século XXI, faz mais de 2 bilhões de pessoas afirmarem ser o livro preto a palavra de Deus. Entre muitos absurdos bíblicos temos um preferido.

Versículos do Números 31 do livro Números da Bíblia: A Vingança contra os Midianitas.



Existencialismo Metafísico

1 O Senhor disse a Moisés:

2 “Vingue-se dos midianitas pelo que fizeram aos israelitas. Depois disso você será reunido aos seus antepassados”.

3 Então Moisés disse ao povo: “Armem alguns dos homens para irem à guerra contra os midianitas e executarem a vingança do Senhor contra eles”.

4 “Enviem à batalha mil homens de cada tribo de Israel”.

5 Doze mil homens armados para a guerra, mil de cada tribo, foram mandados pelos clãs de Israel.

6 Moisés os enviou à guerra, mil de cada tribo, juntamente com Fineias, filho do sacerdote Eleazar, que levou consigo objetos do santuário e as cornetas para o toque de guerra.

7 Lutaram então contra Midiã, conforme o Senhor tinha ordenado a Moisés, e mataram todos os homens.

8 Entre os mortos estavam os cinco reis de Midiã: Evi, Requéem, Zur, Hur e Reba. Também mataram à espada Balaão, filho de Beor.

9 Os israelitas capturaram as mulheres e as crianças midianitas e tomaram como despojo todos os rebanhos e bens dos midianitas.

10 Queimaram todas as cidades em que os midianitas haviam se estabelecido, bem como todos os seus acampamentos.

11 Tomaram todos os despojos, incluindo pessoas e animais,

12 e levaram os prisioneiros, homens e mulheres, e os despojos a Moisés, ao sacerdote Eleazar e à comunidade de Israel, em seu acampamento, nas campinas de Moabe, frente a Jericó.

13 Moisés, o sacerdote Eleazar e todos os líderes da comunidade saíram para recebê-los fora do acampamento.

14 Mas Moisés indignou-se contra os oficiais do exército que voltaram da guerra, os líderes de milhares e os líderes de centenas.

15 “Vocês deixaram todas as mulheres vivas?”, perguntou-lhes.

16 “Foram elas que seguiram o conselho de Balaão e levaram Israel a ser infiel ao Senhor no caso de Peor, de modo que uma praga feriu a comunidade do Senhor”.

17 Agora matem todos os meninos. E matem também todas as mulheres que se deitaram com homem,

18 mas poupem todas as meninas virgens.

19

32 Os despojos que restaram da presa tomada pelos soldados foram 675.000 ovelhas,

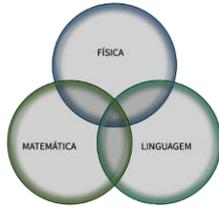
33 72.000 cabeças de gado,

34 61.000 jumentos

35 e 32.000 mulheres virgens.

Fonte: www.biblionline.com.br/acf/nm/31

Considerando o número de soldados hebreus (12.000), imagine-se uma quantidade semelhante de soldados midianitas. Mas vendo o enorme despojo de guerra,



Existencialismo Metafísico

presume-se um exército bem maior. Há 2 possibilidades: ou houve ajuda do poder de Javé na guerra; ou então houve erro do redator.

O homicídio de crianças e mulheres indefesas não tem justificativa. Tal genocídio bíblico pode ter inspirado muitas ditaduras. Hitler está justificado na Bíblia. 32.000 meninas virgens, como despojo de guerra para saciar soldados, só tem justificativa na Bíblia. Tal aberração violenta também tem justificativa para alguns padres pedófilos. O grande número de violência sexual praticados pelos padres está justificado na Bíblia. Estupro de menores está justificado na Bíblia.

Os fundamentalistas islâmicos Boko Haram, além de atentados e assassinatos, sequestraram e conservam em cativeiro mais de 200 meninas na Nigéria. Eles lutam para derrubar o governo e criar um estado islâmico com base na escritura sagrada do Alcorão: *Qualquer um que não é governado pelo que Deus revelou está entre os transgressores*. As interpretações religiosas de suas escritas podem tudo até violência extrema. Por estas e outras que há um aumento do ateísmo e da rejeição religiosa. Até estados ateus já foram implantados.

Existem vários ateísmos. De modo geral, ateísmo é a descrença em divindades. Até o século XVIII, no Ocidente, todos eram obrigados a ter fé na igreja, sob pena de ser queimado por heresia pelo tribunal da Inquisição. Galileu, no século anterior, teve que desdizer que a Terra circula o Sol para não ir para fogueira santa. O iluminismo iluminou, com o perdão da redundância, o pensamento europeu e houve uma propagação do pensamento livre. Surgiu a crítica bíblica, o ceticismo científico e os primeiros ateus.

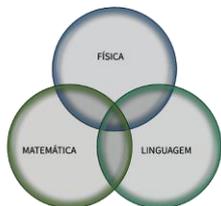
Como a Ciência, os ateus tendem a ser céticos em relação a milagres e afirmações sobrenaturais, citam a falta de provas de suas existências. Eles argumentam incoerências como o insolúvel problema do mal, as revelações inconsistentes e o argumento da descrença. Há também argumentos filosóficos, sociais e históricos.

O ateísmo avançou no século XX, alinhou com várias correntes filosóficas, como o existencialismo, o objetivismo, o humanismo secular, o positivismo lógico, o anarquismo, o marxismo, o feminismo e o movimento científico.

John Dewey, filósofo e pedagogo americano, considera o mundo natural o fundamento de tudo, nega a existência de Deus ou a imortalidade. Ludwig Wittgenstein, filósofo austríaco, separa a linguagem metafísica e sobrenatural do discurso racional. Lévi-Strauss, antropólogo, inspirado pelo estruturalismo da Linguística, relaciona a origem da linguagem religiosa ao subconsciente humano. A ausência de razão nas religiões conduz os pensadores ao empirismo.

Pensadores, como Ludwig Feuerbach e Sigmund Freud, imputam invenções humanas às crenças religiosas que atendem a necessidades psicológicas e emocionais. Na carona deste pensamento, Karl Marx e Friedrich Engels atribuem a crença em Deus e na Religião às funções sociais, empregadas pelas classes dominantes em desfavor da classe trabalhadora.

Mikhail Bakunin, teórico político russo, inverteu uma máxima de Voltaire: *se deus existisse, seria necessário revogá-lo*. Realmente a infantil teologia atual aniquila o próprio Deus, a razão, a liberdade e a justiça. Estes valores, em instância última, são divinos, mas não são valores religiosos.



Existencialismo Metafísico

Na esteira de Marx, a Rússia adota o ateísmo de Estado, a promoção oficial do ateísmo por um governo, combinado com supressão coercitiva da liberdade religiosa e de expressão. Stalin implanta a política de Estado Ateu, ilegaliza o ensino religioso. Os governos comunistas, sob o comando da extinta União Soviética, promoveram o ateísmo como uma lei pública com base no materialismo dialético. Estados ateus foram implementados em países como China, Cuba, Albânia, Afeganistão, Coreia do Norte e Mongólia. Houve perseguição oficial de instituições religiosas, líderes e fiéis.

No século XXI, vieram os ativistas ateus, alguns famosos como os quatro cavaleiros do ateísmo: Daniel Dennet, Christopher Hitchens, Sam Harris e Richard Dawkins. Eles têm criticado as religiões, afirmam que as religiões são nocivas e entram em debates com defensores da Religião.

Hitchens, humanista e antiteísta, é adepto dos valores filosóficos do Iluminismo. Ele escreveu o livro *Deus não é Grande*. Ele critica o conceito religioso de Deus, pois leva a uma crença totalitária e a negação da liberdade individual. Segundo o antiteísta, os valores como investigação científica e a liberdade de expressão devem substituir a Religião.

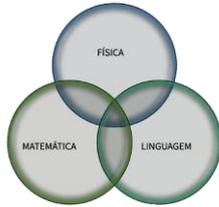
O biólogo Richard Dawkins, um dos novos ateístas, publicou o livro *O Gene Egoísta*, popularizou o evolucionismo centrado nos genes, criticou o criacionismo e o design inteligente. Em seu livro *O Relojoeiro Cego*, ele imputa a complexidade dos organismos vivos e os processos evolutivos a um relojoeiro cego. Ou seja, ao acaso e não ao Criador e crítica a metáfora do Deus relojoeiro. Ainda escreveu *Deus, um Delírio*, onde reafirma a ilusão da fé.

Sam Harris, neurocientista americano, escreveu *O Fim da Fé*. Ele prega o livre questionamento da fé religiosa, pois ela leva ao dogmatismo, autoritarismo e fundamentalismo. Harris combina argumentos com eventos históricos para mostrar os perigos das religiões, como as Cruzadas, a Inquisição e ataques terroristas, contrapondo as benesses da crença na Religião. O tabu da inquestionabilidade religiosa impede o progresso da ética e da espiritualidade.

Michel Onfray, filósofo francês, diz que as três grandes religiões monoteístas vendem ilusões. Seu livro *Tratado de Ateologia* crítica intensamente as religiões monoteístas. Para ele, o judaísmo, o islamismo e o cristianismo não pregam a paz e o amor, mas sim a destruição da liberdade e do prazer, como sexualidade, mulher, inteligência, livros. Essas religiões pregam a submissão, a castidade, a fé cega em nome de um paraíso inexistente depois da morte. A ideia da providência divina em tudo nega o livre arbítrio, o próprio destino. Deus é incompatível com a liberdade humana, então só o ateu pode ser livre. A liberdade não é dada, mas construída.

Os pensadores colocam a Razão acima da Religião. O pensamento livre se opõe ao dogmatismo religioso. Este não permite pensamento livre. As religiões tornaram Deus incompatível com a razão e com a liberdade. A construção destes valores foi cara para a humanidade. Direitos fundamentais como a vida, a integridade física, liberdade de expressão e de religião, foram direitos conquistados pelos pensadores, políticos, e pelo povo, mas não pelas religiões e teólogos. Estes sempre buscaram deveres dos homens e não direitos.

Um estudo descobriu que ateus e agnósticos estão, em média, mais bem informados sobre religião do que os seguidores das religiões principais. Descrentes



Existencialismo Metafísico

tiveram melhores pontuações, respondendo a questões sobre os princípios centrais da fé protestante e católica. Isto é fácil saber e nem precisa de estudo. Os fieis não tem liberdade de pensamento, pois os dogmas não permitem flexibilizações ou reflexões. Seu pensamento é mecânico e repetem a bíblia como um papagaio. Monoideísmo bíblico, como outros monoideísmos (futebol, música, trabalho, sexo, só pra citar alguns), limita o pensamento humano a uma só ideia, não permite uma ampla visão.

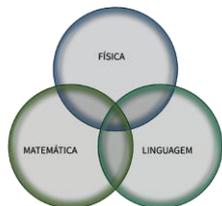
Criticar o Decálogo judaico chega a ser um esporte para Ateus. Eles têm razão. Apontam para um Deus que: adora bajulação em seus mandamentos; proíbe culto a outros deuses, ou seja, o próprio deus afirma existência de outros deuses, apesar de pregarem monoteísmo; permite a escravidão, proibindo cobiçar o servo; proíbe cobiçar a mulher do próximo, mas não se refere à cobiça do homem, num flagrante de machismo. Afirmam ainda que nem os fieis e nem as igrejas cumprem os mandamentos, como não trabalhar aos sábados e nem adorar imagens.

Crítica Teológica

Teologia estuda a divindade de forma racional e sistemática. Também estuda doutrinas, sistemas particulares e mitológicos de crenças religiosas, como a teologia judaica, a teologia cristã, a teologia islâmica, entre outras.

O termo teologia foi usado originariamente por Platão em sua obra *A República*. O termo visava compreender a natureza divina de forma racional. No entanto a ideia deste conceito começou antes com a religião dos gregos. Eles confundiam teologia, mitologia e arte. Os poetas Homero e Hesíodo produziram mitos sobre a origem do mundo e dos deuses. Platão rejeitava a arte e promoveu a passagem da mitologia para a teologia racional.

Aristóteles também chama de teólogos os criadores dos mitos, poetas que narram os feitos dos deuses e heróis, suas origens, suas virtudes e seus vícios e erros. Contudo ele usava um tom pejorativo para os poetas e o anterior pensamento



Existencialismo Metafísico

mitológico. Com o pensamento racional, ele considerava teologia como ramo da Filosofia, ora estudo metafísico, ora como filosofia primeira ou ciência dos princípios primeiros, a mais elevada de todas as ciências.

Teologia possui objeto de estudo definido, como todas as áreas do conhecimento. Mas não tem como colocar Deus em um laboratório para quantificá-lo, nem mesmo observá-lo. O objeto da teologia incluiu, então, as representações sociais de deus (es) nas diferentes culturas.

O cristianismo, na pessoa de Santo Agostinho, incorporou a teologia na Idade Média com o significado de conhecimento e saber cristão acerca de Deus. A teologia cristã defende os dogmas da igreja, o conjunto de verdades absolutas da igreja. Alegam que fora ensinada aos homens para salvação e vida eterna.

Os principais dogmas são o céu, o inferno, purgatório, demônios, anjos com asas, temor a deus, os 10 mandamentos, antropomorfismo divino, milagres, santíssima trindade, espírito santo, entre outros. Todos são mitologias incompatíveis com o conhecimento hodierno.

Para a teologia cristã, a fé é a virtude maior. Pecado é a prática de ilícito divino contrário à lei eterna, pois causa ofensa a Deus. A sentença divina envia a alma pecadora ao inferno. Este tem uma ideia de fogo eterno. Adão e Eva praticaram o pecado original, não cumpriram a proibição divina de não comer o fruto da árvore do conhecimento. Na verdade uma maçã. Deste modo o pecado original para os cristãos condenou toda a humanidade, mas Jesus nos salvou.

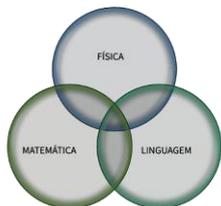
Os cristianizados acreditam que Cristo foi o salvador do pecado original. Com a sua morte, salvou toda humanidade, sacrificou-se na cruz por todos os homens. O homem nasce pecador e pode ser perdoado por Deus a qualquer momento, desde que se arrependa e confesse na igreja. Esse perdão também pode ser concedido por Deus e por meio da Igreja através do batismo.

A igreja cristã acredita que a sua doutrina foi revelada por Deus no Velho e no Novo Testamento, oportunidade de plenitude com Jesus Cristo, considerado o Filho de Deus, o messias e o salvador da humanidade. Mas o homem para alcançar a graça divina deve observância aos Dez Mandamentos, resumidos no mandamento de amor ensinado por Jesus. Essa entrega a Deus leva a salvação e ao reino de Deus, onde o mal não existe, os homens são ressuscitados. Após o juízo final e a salvação conviverão eternamente com os santos e Deus.

Moisés entrega ao povo os Dez Mandamentos de Deus. O Decálogo é a síntese da Lei de Deus, a base fundamental da moral católica. A igreja exige aos seus fiéis o cumprimento obrigatório dessas regras. Quem não seguir estas regras pratica um ilícito divino. A transgressão pode ser um pecado mortal. A prática de ilícitos menores pode ser condenado ao purgatório e a prática dos ilícitos maiores condenado a queimar eternamente no inferno.

Jesus resumiu os Dez Mandamentos em apenas dois: amar a Deus sobre todas as coisas; e amar ao próximo como a nós mesmos. Biblicamente Jesus não aplicou penalidade nenhuma a ninguém, não se referiu a ela ou ao inferno.

Em Direito Penal, há princípios que regulam a aplicação da pena, como princípio da pessoalidade da pena (da responsabilidade pessoal ou da intranscendência da pena), princípio da individualização da pena e princípio da legalidade. O primeiro



Existencialismo Metafísico

princípio impossibilita a punição de alguém por crime alheio. Imagine você leitor, sendo julgado por um crime que não cometeu. Todos verão injustiça aí. Agora, como é que a humanidade é responsabilizada por uma mulher que comeu uma fruta. Javé deveria cursar uma de nossas faculdades de Direito.

Os mitos tinham (ainda tem) uma função de tentar explicar o desconhecido. Se o mito da maçã tenta explicar a origem da imperfeição humana, da dor é plausível a tentativa. Agora, se tal mito é interpretado literalmente em pleno XXI, isto é um atraso teológico. Os mitos eram relevantes, tinham também uma função confortadora para uma natureza instável com trovões, raios e fogo que provocam medo. Daí o temor a deuses. Depois, a Deus.

Os mitos, juntamente com as religiões, sempre anunciaram um mundo extrafísico, com deuses, anjos, santos, virgens. Este mundo metafísico é percebido por sensitivos, visionários, religiosos, mas pouco estudado. A Parapsicologia, ainda pouco estudada, registra vários fenômenos de relação entre mundos. Físico e extrafísico. Mas ainda não reconhecido pela Ciência convencional. Temos que esperar a Ciência sair da Matrix.

A Igreja vislumbrou o Criador como onisciente, onipresente, perfeito e absoluto. cremos plausível o Criador do Universo ser absoluto. Com base no absoluto, a Igreja, acreditando também ser absoluta, transformou mitos em dogmas, Eva e o pecado original em verdades absolutas. Com estas “verdades” querem doutrinar toda a população do mundo. Fizeram até um slogan político: *Fora da igreja não há salvação*.

Ocorre que existem outras doutrinas religiosas absolutas, também pregadoras do imperialismo religioso. O islamismo é a que mais cresce e compete com os cristãos. Surge o paradoxo da paz religiosa. Como as religiões têm doutrinas absolutas, só terminaram submetendo toda humanidade, ou morrendo quando outra religião imperialista submeter todo planeta.

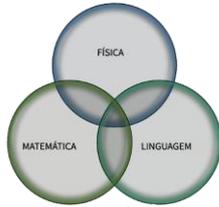
Maomé foi um grande líder político-religioso. Promoveu o monoteísmo, a libertação de escravos, direitos trabalhistas e outros direitos de igualdade. Promoveu também a guerra e junto com ela alguns trechos belicistas no Alcorão: “matai os idólatras”. A Bíblia também carrega também uma violência extremada. Javé é mandante de homicídios, genocídios, pedofilia, entre outros crimes bárbaros. O Alcorão, como a Bíblia, é produto cultural, localizado no tempo e no espaço.

Mas as religiões se baseiam em verdades absolutas e uma delas exterminará todas as outras. Assim unificará o pensamento religioso e todos serão obrigados a acreditar em Adão e Eva, ou virgens no paraíso, ou em tal e coisa.

O teólogo e ex-padre, Marcelo da Luz, em sua obra *Onde Termina a Religião?*, observa a natureza anti-universalista das religiões. O universalismo elimina fronteiras, preconceitos, individualismos e todo tipo de sectarismo.

O termo sectarismo, usado geralmente com conotação pejorativa de intolerância e visão estreita, aplica a seitas religiosas. Muitas seitas, religiões e grupos ideológicos são radicais e sem o diálogo na defesa de suas doutrinas.

O sectarismo constata-se em todo o mundo. A presença de religiões, etnias, fronteiras abastece o separatismo. Onde quer que pessoas vivam em estreita proximidade, a exclusão religiosa pode ser encontrada em diferentes formas e graus.



Existencialismo Metafísico

Como todo grupo religioso tem natureza sectária, exclusivista, portadora da verdade absoluta e da salvação, o teólogo mencionado sentenciou: *universalismo e religião são antípodas, pois toda religião é intrinsecamente sectária*. Ele menciona número de seitas cristãs em mais de 33.000, vale dizer, mais de 33.000 verdades absolutas.

A espiritualidade está em todos. Até mesmo nos ateus. Como diz uma das pérolas dos ateus: *sou ateu, graças a deus*. As religiões apropriaram da espiritualidade humana, porém não equacionam a paz e promovem guerras, pois fundamentam seus dogmas e teologias infantis em verdades absolutas. Quando papas anunciam grandes reformas, em verdade eles ratificam seus piores dogmas. Uma reforma verdadeira seria devolver a mitologia hebraica ao povo judeu e riscar o Velho Testamento da teologia Cristã.

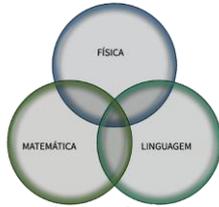
Teologicamente podemos dizer que não há solução para o paradoxo religioso. A almejada paz não virá das religiões. O aforismo da igreja “*fora da igreja não há salvação*”, teologicamente deve ser: não há salvação para a igreja.

Crítica Jurídica

O sentimento moral e de justiça são inatos ao ser humano. Há apenas uma diferença de grau entre os homens, mas eles evoluem no indivíduo e na sociedade. Primatologistas afirmam que tais atributos são anteriores a humanidade, pois existem em bonobos (primata, espécie de macaco) e chimpanzés, primos de nossa evolução.

O primatólogo holandês Frans de Waal concluiu que justiça e moral são anteriores às religiões e ao próprio homem. Uma experiência antiga mostra macacos solidários, um com fome e outro saciado, fazendo esforços coordenados para o esfomeado receber comida. Noutra experiência, quando um macaco recebeu uma recompensa menor que de outro macaco, ficou irritado e demonstrou senso de injustiça.

Alguns juristas, filósofos e teólogos não gostaram do estudo, entretanto muito já se tentou diferenciar homens dos animais e não resistiu ao tempo e a razão. Em comum com o homem, os primatas têm também a política, economia, cultura, idiomas, caridade, coletividade e respeito ao próximo.



Existencialismo Metafísico

O homem transformou o senso inato de justiça num emaranhado de leis, doutrinas, jurisprudências, instituições, autoridades, fiscais, burocratas e juízes. Transformou a justiça natural numa justiça artificial, lenta, complexa, ineficiente e política. Da mesma forma, o homem transformou o senso inato da espiritualidade em instituições, religiões, templos, dogmas, ritos estéreis e autoridades eclesiásticas.

Em épocas remotas, o homem também necessitava de uma ordem para regular as relações sociais de paz e bem comum. Este bem comum levou a agricultura e marcou uma revolução na história humana. A plantação levou a ideia de posse: *este trigo é meu, pois eu plantei!* Esta ideia levou a outras e surge a organização econômica, jurídica e política. Em vez de ficar vagando pela terra, o homem fincou raízes no chão e a população aumentou. A economia passa da caça e coleta para um complexo sistema de armazenamento. As tribos estruturam seu sistema político, geralmente, um patriarcado.

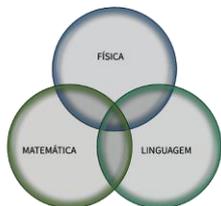
Um sistema jurídico também existia em estado embrionário. Em Direito, o primeiro axioma é: *onde existe sociedade, existe direito*. Certamente existiam regras como não matar, não pegar a mulher do outro, não furtar, entre os tribais. Como a escrita não existia ainda, tais normas eram tradição oral.

Era necessário um sistema mínimo de segurança, sob pena de extinção da tribo. Como um tribal iria dormir ao lado de outro com receio de morte? Como nosso ancestral guardaria a sua lança ou a sua caça sem outro irmão roubar? O direito surge das necessidades humanas e não de mandamentos divinos diretos ou revelados. Isto vale para todas as tribos, seja para os neandertais europeus, seja para tribos dos hebreus.

O Decálogo, dizem, estabelece a lei de Deus, base mínima da moral judia e cristã e se torna dogma. A Igreja exige dos fiéis o cumprimento obrigatório das regras enumeradas. A violação destas normas comete pecado e o grau dele pode ser um pecado menor ou um pecado mortal. Todas as religiões cristãs asseveram que são divinos tais mandamentos. Mas falar de lei é falar de Direito e, como juristas, devemos separar a paixão religiosa da ciência jurídica, a qual abraçamos. Data vêniam bibliostas e fundamentalistas, permitam-nos interpretar os dez mandamentos bíblicos a luz da ciência do Direito.

Podemos dividir os 10 mandamentos em duas partes: os que determinam adoração ao deus hebreu e os que regulam a convivência social. Eliminando a bajulação do deus judeu, sobra regras existentes em todas tribos e povos. *Onde existe sociedade, existe direito*. Seria uma defesa jurídica difícil, senão impossível, qualquer advogado defender os 10 mandamentos como revelação divina. Preliminarmente o causídico negaria o primeiro axioma jurídico. Enumeraremos diversos outros argumentos jurídicos, a seguir delineados.

Segundo relato bíblico, Moisés recebe o Decálogo em duas pedras e a aliança divina. Como a linguagem arcaica do hebraico não possuía pontuação nem de divisão das frases, resultou varias interpretações e mais de 10 mandamentos. Comparando as traduções e interpretações dos evangélicos e dos católicos teremos então 12 mandamentos. Mas a conta aumenta se considerar cada verbo como um mandamento. Javé deveria fazer um código de leis mais claro, enumerá-los em artigos, não em versículos e, assim, não ter conflito de interpretação como exposto.



Existencialismo Metafísico

O Decálogo é a lei maior da Bíblia e do povo hebreu. Podemos comparar com nossa Constituição Federal, nossa lei maior. Abaixo dos mandamentos está a legislação penal de Moisés, como nosso Código Penal que está submetido à Constituição.

Os mandamentos legislam, em sua maioria, proibições, além de uma afirmação (*Eu sou o Senhor teu Deus* – que alguns consideram mandamento) e duas ações (*manter sagrado o dia do senhor e honrar pai e mãe*). As proibições obrigam a um não fazer, a uma ausência de ação: *não matarás, não roubarás*.

O Direito regula as relações humanas assim como as religiões e a moral. O Direito origina-se do Estado e a infração de suas leis corresponde a uma sanção legal. As leis das religiões são ditadas pelas autoridades religiosas. Tais leis, dizem elas, são de origem divina e sua infração será sancionada após a morte do infrator e mesmo durante sua vida, mediante castigo divino. As leis morais são psíquicas e produzem sanções na consciência.

Os dez, doze, ou dezesseis mandamentos, como quiser, tem matéria destas três ordens. Os mandamentos: *Eu sou o Senhor teu Deus, não terás outros deuses, não adorarás outros ídolos, não usarás o nome de teu Deus em vão, manterás sagrado o dia do Senhor*, têm conteúdo apenas religioso. Os mandamentos *honrar pai e mãe, não desejar a mulher e a casa do próximo*, além de matéria religiosa, tem conteúdo moral, mas sem relevância para o Direito.

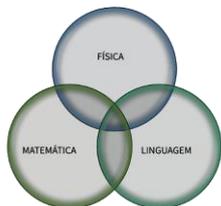
Os mandamentos *não matarás, não furtarás, não cometerás falso testemunho e não cometerás adultério*, além de conteúdo moral e religioso, são da seara jurídica, pois têm previsão legal. Os três primeiros estão no nosso Código Penal. Entretanto, desde 2005, o crime de adultério deixou de existir, figurando apenas no Código Civil como requisito em separação judicial. A descriminalização do adultério pelo legislador se deve a banalização de tal fenômeno. A cultura o descriminalizou, mas não Javé.

Nosso Código Penal sistematizou as leis penais, ampliou-as, estabeleceu uma sanção diferenciada para os crimes. Também instituiu as discriminantes. Explico: tal código enumera regras em que o crime deixa de existir. Em caso de legítima defesa, o fato típico de homicídio, *matar alguém*, deixa de ser crime. Esta sistematização é justa e natural, pois está na natureza o instinto de defesa e de sobrevivência do homem que, em análise última, foram criados pelo próprio Criador. Pensemos: o Todo Poderoso não iria criar tais instintos e depois criar outra lei que negue sua lei anterior.

Além da exceção da legítima defesa ao crime, o código enumerou outras, como estado de necessidade (alguém com fome que furta para comer), exercício regular do direito, erros diversos (como matar por erro plausível), entre outras circunstâncias que excluem o crime.

Há também inúmeras circunstâncias atenuantes e agravantes também que influem no crime e também deve influir no julgamento e na pena. Um homicídio executado de forma cruel, como por meio do fogo e tortura, deve ser penalizado com mais intensidade que um homicídio ocorrido numa briga ou rixa.

Noutro giro, nosso código enumerou outros crimes tão graves ou mais que os do Decálogo, como estupro, sequestro, lesão corporal, tráfico de pessoas e de drogas, estelionato, roubo, calúnia, e mais de uma centena de crimes, esquecidos por Jeová. Ainda, os 10 mandamentos regulam apenas crimes de vítima individual e não os crimes de vítimas coletivas, como genocídio, crimes contra ordem econômica, contra a



Existencialismo Metafísico

administração pública e contra o meio ambiente, contra a saúde pública, que atinge uma infinidade de pessoas.

Javé não estabeleceu uma sanção para a infração de seus mandamentos. Sem quantificar a pena pelo crime, fica difícil punir com justiça. As leis mosaicas acabaram por interferir na lei divina, preencheram esta lacuna ao passarem a penalizar a quebra dos mandamentos, geralmente com penas cruéis como fogueira, açoite e apedrejamento. Também sem justiça, pois uma pessoa que matou 1 ou 10 será punida com a mesma pena. Nem tem como ela morrer 10 vezes ou queimar 10 vezes no inferno para pagar pela morte de 10 pessoas.

Nosso Código Penal estabelece a prisão como sanção. Ou seja, a pena pelo crime atinge apenas a liberdade do infrator. Nos tempos de Moisés, carente de recursos, não havia cárcere. A pena para infrações dos mandamentos de Javé era a morte, apesar de não constar em seus mandamentos. Estranho! Javé proíbe matar, mas sua justiça mata em seu nome. Vai entender!

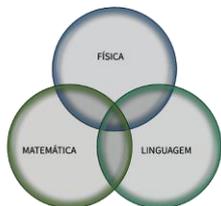
As leis mosaicas possuíam sanções duras e cruéis para mal menor como prostituição, homossexualidade, adultério. Este geralmente com punição para mulheres, com a pena de morte por apedrejamento, em flagrante machismo. Hoje nosso direito considera tais sanções bárbaras. Nossa legislação e a quase todas legislações avançadas não aceitam tais sanções.

Uma curiosa contradição de Javé: ele proíbe matar, mas tem muito sangue na Bíblia. O site *A Bíblia Anotada dos Céticos*, de Steve Weels, fez um estudo e contou o número de execuções a serviço Jeová. Steve Wells, editor deste site, fez um levantamento de todas as mortes na Bíblia e chegou ao impressionante número 2.270.365 de mortes atribuídas ao deus hebreu, em oposição a 10 mortes (todas aos filhos de Jô) atribuídas às forças do mal. Tais números foram citados na Bíblia, segundo o cético.

Os genocídios de Javé o colocam ao lado de outro grande genocida. Hitler. Ironicamente um genocida de judeus. Parece até um histórico carma coletivo. Em verdade trata-se de uma comparação de um personagem fictício, Javé, e de um personagem histórico, Hitler.

Outro relato bíblico para ilustrar homicídios a mando de Javé, citamos Números, capítulo 31. Deus manda Moisés vingar os filhos de Israel contra os medianitas (e o perdoar 70 x 7?). Cumprindo determinação superior, Moisés envia doze mil guerreiros israelenses à guerra. Eles executaram todos os reis, príncipes e sacerdotes, levaram presas mulheres e crianças, além de saquear todo o gado e bens do povo medianita. Os soldados voltaram e apresentaram o espólio de guerra a Moisés. Este irou contra os oficiais do exército, porque eles pouparam as mulheres e as crianças do sexo masculino. Então mandou matar todas as crianças do sexo masculino e as mulheres que fizerem sexo com algum homem.

As crianças do sexo feminino foram poupadas para, digamos, servir aos soldados. Hoje sexo com criança é pedofilia e crime de estupro presumido previsto em nosso código. A interpretação literal desse episódio bíblico justifica genocídio, pedofilia e estupro para alguns religiosos. No direito canônico (justiça da igreja) padres pedófilos podem invocar este episódio bíblico para justificar seus crimes de pedofilia, mas não na justiça dos homens.



Existencialismo Metafísico

Em termo lógico, o Todo Poderoso não iria fazer leis, descumpridas a todo o momento e em todo lugar, como os 10 mandamentos. Ele fez leis naturais para serem cumpridas e não leis reveladas. Além disso, as proibições mandamentais negam o livre-arbítrio. Este sim, lei divina. Nosso Pai Celestial nos brindou com a liberdade, mas contrabalançou com a responsabilidade. São Paulo, ao afirmar *posso tudo, mas nem tudo me convém*, contraria os 10 mandamentos. Faça o quiser: *a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória*.

Vejamos e analisemos cada mandamento:

1 - *Eu sou o Senhor, o teu Deus*. Não há implicações morais ou jurídicas, apenas religiosa. Não se trata de um mandamento, mas uma apresentação. No entanto os judeus consideram um mandamento, algumas igrejas consideram um prefácio, e a Católica nem uma coisa e nem outra.

2 - *Não terás outros deuses além de mim*. Também não considero um mandamento, mas uma proibição, uma omissão, ou mandamento de proibição. Uma leve reflexão nos faz entender uma contradição do monoteísmo. “Deus” afirma a existência de outros deuses. Como pode o monoteísmo pregar a existência de outros deuses?

3 - *Não farás para ti nenhum ídolo*. Mais um mandamento proibitivo, sem qualquer relação com o Direito ou com a moral. Estranho é que a igreja Católica não dá a mínima, pois ela tem um universo de santos em imagens.

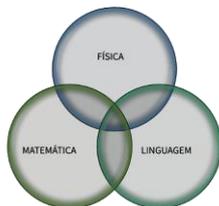
4 - *Não tomarás em vão o nome do SENHOR, o teu Deus*. Mais um mandamento sem relação com o Direito ou a moral. Em verdade esses “mandamentos” iniciais não se tratam apenas de bajulações divina, mas tinham objetivo de dar credibilidade as leis humanas para um povo ignorante. Era cultura da época e do lugar.

5 - *Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo*. O dia de sábado não está na natureza. A divisão do tempo em anos, meses e dias é do homem. Mas deus descansou no sétimo dia, então fizeram uma semana com sete dias. Aqui também não tem implicações jurídicas e morais, apenas religiosa. Aqui também a maioria das igrejas não importa em descumpri-lo. Algumas poucas, como a Adventista do Sétimo Dia, não laboram no sábado.

6 - *Honra teu pai e tua mãe*. Depois de muita bajulação divina, vem um artigo relacionado com a moral. Ninguém duvida que se deve respeitar pai e mãe como regra. Há exceções de pais que abandonam filhos, drogados e bêbados, que descuidam de sua prole.

7 - *Não matarás*. Finalmente um mandamento, ou melhor, outra proibição, que tem relevância jurídica, moral e religiosa. Entretanto tal mandamento deve ser complementado. Não matar o quê? O homem mata animais e plantas diversos para sobreviver. Nosso Código Penal, em sua parte especial, inicia o rol de crimes pelo homicídio, definido como *matar alguém*. Este alguém se refere a pessoas. Mas então afirmemos que Javé queria dizer que não se deve matar o homem. Porém Javé manda matar e muito no Velho Testamento. Genocídios são praticados em nome dele. Conforme fora dito, Javé foi mandante em alguns e executor (como no dilúvio) de mais de 2 milhões de homicídios. Tais homicídios, a luz das leis brasileiras, tem agravantes e qualificadoras que aumentam a pena. Vejamos o Código Penal:

Homicídio simples



Existencialismo Metafísico

Art 121. Matar alguém:

Pena - reclusão, de seis a vinte anos.

Homicídio qualificado

§ 2º Se o homicídio é cometido:

I - ...;

II - por motivo fútil;

III - com emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou de que possa resultar perigo comum;

IV - à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido;

V - ...:

Pena

- reclusão, de doze a trinta anos.

Circunstâncias agravantes

Art. 61 - São circunstâncias que sempre agravam a pena, quando não constituem ou qualificam o crime: (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

I - a reincidência; (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

II - ter o agente cometido o crime: (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984)

a) por motivo fútil ou torpe;

b) ...;

c) à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação, ou outro recurso que dificultou ou tornou impossível a defesa do ofendido;

d) com emprego de veneno, fogo, explosivo, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou de que podia resultar perigo comum;

e) contra ascendente, descendente, irmão ou cônjuge;

f) ...;

g) com abuso de poder ou violação de dever inerente a cargo, ofício, ministério ou profissão;

(Redação dada pela Lei nº 9.318, de 1996)

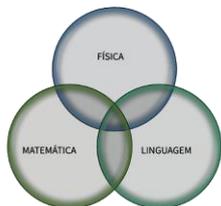
h) contra criança, maior de 60 (sessenta) anos, enfermo ou mulher grávida; (Redação dada pela Lei nº 10.741, de 2003)

i) quando o ofendido estava sob a imediata proteção da autoridade;

j) em ocasião de incêndio, naufrágio, inundação ou qualquer calamidade pública, ou de desgraça particular do ofendido;

l) ...

Ora, se Javé tivesse cometido tais crimes em nosso país e em nossa época, iria a julgamento. Considerando o levantamento feito na Bíblia pelos cétricos de 2.270.365 de homicídios atribuídas a Deus, com as agravantes e qualificadoras (abuso de autoridade, motivo fútil, impossibilidade de defesa...), ele poderia ser condenado a 30 anos por cada homicídio, totalizado 68.110.950 anos de reclusão em nossos cárceres. Javé deveria mais de 68 milhões de anos a nossa justiça. Isto sem contar outros crimes, como estupros. Lembrem das 32.000 meninas virgens em números 31. Também sem contar os saques dos povos derrotados por Javé.



Existencialismo Metafísico

Javé tem um extenso prontuário policial. No palco da justiça brasileira, no banco dos réus e em nossos cárceres, seria interessante a execração de Javé. Como advogado, gostaria de participar da acusação de Jeová. A defesa jurídica de Deus seria aquela retórica lengalenga de atribuir a Deus a infância de sua existência, usando argumentos do capítulo da Literatura na defesa divina.

Como fora observado, as leis divinas não têm pena. Na época, as penas eram da lei mosaica de talião e as penas eram cruéis, como morte por apedrejamento e açoite. Javé escolheria ser julgado pela nossa lei do que por sua lei e de Moisés, pois, neste caso, seria executado cruelmente.

8 - *Não adulterarás*. Temos aqui outro mandamento relevante para a Religião, Direito e moral. Mas tal mandamento divino foi minimizado pelo nosso Direito, deixou de ser crime desde 2005, quando a lei 11.106 revogou o crime de adultério. Porém ainda tem importância no Direito Civil como motivo para separação em casamento.

9 - *Não furtarás*. Não sei se Javé quis neste singelo mandamento, abarcar todos os crimes contra o patrimônio, a exemplo dos crimes de roubo, extorsão, sequestro, estelionato, apropriação indébita, receptação. Não se sabe também a pena para quem furta uma fruta de um pomar ou todo o rebanho de ovelhas de um humilde pecuarista. Javé deveria ser mais preciso em nome da justiça. Veja o crime de furto e de roubo em nosso Código Penal. O roubo é mais grave que o furto, pois tem violência a pessoa:

Art. 155 - Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel:

Pena - reclusão, de um a quatro anos, e multa.

§ 1º - *A pena aumenta-se de um terço, se o crime é praticado durante o repouso noturno.*

§ 2º - *Se o criminoso é primário, e é de pequeno valor a coisa furtada, o juiz pode substituir a pena de reclusão pela de detenção, diminuí-la de um a dois terços, ou aplicar somente a pena de multa.*

§ 3º - *Equipara-se à coisa móvel a energia elétrica ou qualquer outra que tenha valor econômico.*

Furto qualificado

§ 4º - *A pena é de reclusão de dois a oito anos, e multa, se o crime é cometido:*

I - com destruição ou rompimento de obstáculo à subtração da coisa;

II - com abuso de confiança, ou mediante fraude, escalada ou destreza;

III - com emprego de chave falsa;

IV - mediante concurso de duas ou mais pessoas.

§ 5º - *A pena é de reclusão de 3 (três) a 8 (oito) anos, se a subtração for de veículo automotor que venha a ser transportado para outro Estado ou para o exterior. (Incluído pela Lei nº 9.426, de 1996)*

Furto de coisa comum

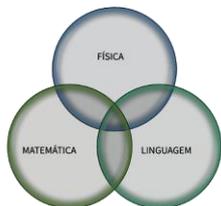
Art. 156 - Subtrair o condômino, co-herdeiro ou sócio, para si ou para outrem, a quem legitimamente a detém, a coisa comum:

Pena - detenção, de seis meses a dois anos, ou multa.

§ 1º - *Somente se procede mediante representação.*

§ 2º - *Não é punível a subtração de coisa comum fungível, cujo valor não excede a quota a que tem direito o agente.*

Roubo



Existencialismo Metafísico

Art. 157 - Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência:

Pena - reclusão, de quatro a dez anos, e multa.

§ 1º - Na mesma pena incorre quem, logo depois de subtraída a coisa, emprega violência contra pessoa ou grave ameaça, a fim de assegurar a impunidade do crime ou a detenção da coisa para si ou para terceiro.

§ 2º - A pena aumenta-se de um terço até metade:

I - se a violência ou ameaça é exercida com emprego de arma;

II - se há o concurso de duas ou mais pessoas;

III - se a vítima está em serviço de transporte de valores e o agente conhece tal circunstância.

IV - se a subtração for de veículo automotor que venha a ser transportado para outro Estado ou para o exterior; (Incluído pela Lei nº 9.426, de 1996)

V - se o agente mantém a vítima em seu poder, restringindo sua liberdade. (Incluído pela Lei nº 9.426, de 1996)

§ 3º Se da violência resulta lesão corporal grave, a pena é de reclusão, de sete a quinze anos, além da multa; se resulta morte, a reclusão é de vinte a trinta anos, sem prejuízo da multa. (Redação dada pela Lei nº 9.426, de 1996) Vide Lei nº 8.072, de 25.7.90.

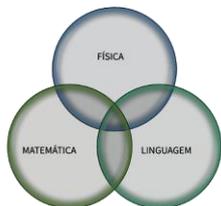
A lei penal busca precisão do crime e da pena. O que não ocorre no mandamento divino. Aqui também falta autoridade de Javé para legislar e obrigar alguém a cumprir a proibição de não roubar. Em números 31, demonstrado no capítulo do ateísmo, por determinação de Javé, os hebreus saquearam os midianitas em centenas de milhares de animais.

A lei tem como características a generalidade: ou seja, deve atingir a todos e todos devem ter seu conhecimento. Deve ser emanada de uma autoridade competente, o que não é o caso de Javé.

10 - *Não darás falso testemunho contra o teu próximo.* Não mentir para justiça, também tem relevância para Javé. Estranho tal proibição divina estar no mesmo nível que homicídio ou furto. Todos mentem em níveis diferentes, até mesmo para ajudar e confortar o próximo.

11 - *Não cobiçarás a mulher do teu próximo.* Mandamento autônomo pelos católicos mostra uma Bíblia produzida por homens. A mulher pode cobiçar homem da próxima, mas não o contrário. Mandamento moral e religioso, sem proteção jurídica como todos outros da cobiça. O Direito não proíbe pensamento e nem mesma a sua exteriorização. Ele assegura a liberdade de expressão, mas o pune quando produz danos a alguém.

12 - *Não cobiçarás a casa do teu próximo, servo, bois, jumentos.* Ao contrário dos católicos, estes mandamentos foram unificados com a cobiça da mulher do próximo, acertadamente pelas outras igrejas e pelo judaísmo. A cobiça inclui, além da mulher, o servo, serva, bois e jumentos. Javé aceitava a escravidão do próximo. Cultural para época, mas não hoje. Javé também não incluiu o carro, o celular e a amante do próximo. Escravos e jumentos são culturas de uma época e de um lugar, mas não a nossa. Javé deveria revogar e atualizar suas leis. Veja leitor: faz sentido para você



Existencialismo Metafísico

cobiçar o servo do vizinho ou o jumento do amigo? Não! Nossa realidade, hoje, é outra. A escravidão foi realidade no passado e na época de Moisés. Hoje você pode desejar o carrão do amigo, mas não seu jumento. Leis locais e mutáveis não podem ser divina.

Javé deixou de incluir no Decálogo uma lista de crimes danosos, como sequestro, estupro, abandono, lesão corporal, escravidão, entre outros. Ele deixou uma lacuna. Em Direito não há lacuna, pois temos a integração da norma jurídica, em que o juiz decidirá o caso de acordo com a analogia, os costumes e os princípios gerais do direito.

Ele não também não considerou circunstâncias como menoridade, agravantes, atenuantes, qualificadoras, reincidência. Javé também não atualizou suas deficientes leis, o que nos leva a demonstrar que os sistemas jurídicos dos países ocidentais são mais amplo, sofisticado e preciso. O sistema jurídico de Javé é lacunoso (falta regular muitos crimes), impreciso (não define e nem diferencia crimes, como furto e roubo) e limitado (no tempo e no espaço).

Em Direito há um conjunto de leis que disciplinam as próprias leis. Explico: as leis que disciplinam direitos necessitam saber quando e onde valerem, como devem ser interpretadas, como devem ser supridas suas lacunas.

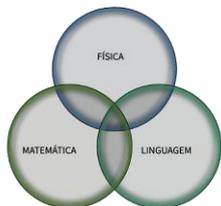
A lei no tempo. Como todos, a lei nasce, modifica e morre. Depois de sancionada e publicada, a lei tem validade no tempo até que outra lei a modifique ou revogue. Surgem princípios jurídicos da irretroatividade e da retroatividade. Como regra, publicada uma lei temos a obrigação de cumpri-la. Se infringirmos tal lei antes de publicação, não poderão nos penalizar pois ainda não era lei. Javé não deixou clara a aplicação da sua lei no tempo. E quem descumpriu os mandamentos antes do Decálogo?

A lei no espaço: a lei deve publicada para conhecimentos dos cidadãos que passam a cumpri-la. Surgem os princípios da territorialidade e extraterritorialidade. Como regra, a lei deve ser cumprida pela sua população em seu território. Se os 10 mandamentos são leis divinas, Javé deveria ter publicados tais mandamentos também na Índia, nas Américas, para os aborígenes australianos, enfim, para conhecimento de todos deste planeta, para que todas suas criaturas a cumprissem. A lei deve ter transparência para os cidadãos dar cumprimento e não publicada de forma isolada para o inexpressivo povo hebreu.

Esperava-se muito mais de uma lei suprema e absoluta. Agora vem o outro paradoxo jurídico teológico. O absoluto não pode mudar suas leis eternas. Como as religiões não podem mudar seus dogmas, os cristãos estão condenados a viver eternamente com este equívoco teológico. As religiões condenaram a humanidade eternamente ao atraso jurídico e espiritual.

Claramente tais leis nos mostram que foram escritas por hebreus para hebreus de uma época remota. Jesus com apenas um mandamento moral, lei do amor, resumiu todas as leis. Não faça aos outros o que não quereis que os outros vos faça. Esta é a moral cristã.

A ciência do Direito faz eco com outras ciências - a História, a Antropologia, a Arqueologia, Linguística, a Astrofísica (big bang) a Biologia (teoria da evolução), a Astronomia (que levou os olhos dos homens aos céus e não viu Deus) - ao desmitificar episódios bíblicos e afirmar que a Igreja utilizou mitologia hebraica para estruturar sua ideologia.



Existencialismo Metafísico

Isto nos leva a afirmar que a legislação mosaica e também o Decálogo são legislação de uma época e de um lugar e não uma legislação divina superior ao tempo e ao espaço. Todavia foi uma legislação importante que uniu um povo, atravessou os tempos e existe até hoje. Ainda, acertadamente, pregou a doutrina monoteísta que influencia todo o Ocidente.

Há nítidas diferenças entre o Velho e o Novo Testamento. Há um deus cruel e sanguinário no Velho Testamento contra o Deus do Amor de Jesus. Por isto, o único Mandamento de Jesus: amar Deus acima de tudo e o próximo como a si mesmo abarca todos os mandamentos de Moisés e toda lei dos homens. Quem ama o próximo, não o mata, não o furta, nem cobiça seus bens. Enquanto os mandamentos e as leis mosaicas foram escritas para uma época e para um lugar, o mandamento cristão é atemporal, aespacial, válido para todos os tempos e todas as dimensões.

Interessantemente o Decálogo de Moisés prega, via de regra, um não-fazer, uma proibição. Diferentemente Jesus prega uma ação: amar ao próximo e a Deus. Moisés proíbe e Jesus Ama. A superioridade crística anula as leis e o deus mosaico. Certamente Jesus sabia que proibições negavam o livre-arbítrio.

Na época de Moisés, e até recentemente, era comum atribuir autoridade divina as leis e aos reis, mesmo sem a devida procuração. A Bíblia é o livro mais lido e mais fantástico desse orbe. Ele contém uma mensagem divina e não a sua palavra. *A letra mata, mas o espírito vivifica*, já dizia São Paulo há quase 2.000 mil anos. Todavia ainda continuam a dizer que o livro preto é a palavra de Deus. Ah! Dá licença!

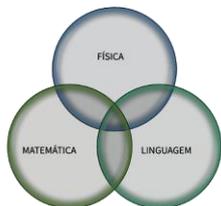
O Inquérito Policial na busca da Verdade

Do ponto de vista policial-literário, Javé é um serial killer, esturador malévolo e um saqueador contumaz. Psicologicamente ele é controlador, mentiroso, manipulador e impulsivo, além de ter personalidade psicopata. Tem forte atração pelo poder. Importante para ele é controlar seu grupo de seguidores com temor e terror. Como o povo hebreu tinha simpatia pelo seu opressor, aconteceu uma espécie de síndrome de Estocolmo, em que a vítima passa a ter carinho para com seu agressor.

Todas as pessoas vivem em sociedade, mas os antecedentes criminais de Jeová não o permite interagir em sociedade. Regras estabelecem uma harmonia social. A quebra das regras gera o conflito, resolvido, no passado, pelo mais forte ou mais poderoso, no caso de Javé. Hoje Javé não intervém mais na justiça dos homens e o Estado monopolizou a solução de conflitos e o juiz dita o direito. O litígio gera um processo para o estado-juiz sentenciar.

O Direito em si regula as relações sociais (de liberdade, familiar, de trabalho, de lazer, de consumo, de transporte...). O Direito Penal regula os direitos mais relevantes da sociedade, como a vida, o patrimônio. Ocorrido a violação da lei penal, a polícia civil irá investigar. O delegado preside o inquérito policial que é a formalização do crime. Significa colocar as provas no papel (perícias, depoimentos, interrogatórios), além de documentos burocráticos (portaria, despacho, autuação).

O sistema jurídico incube ao delegado instaurar e presidir inquéritos para investigar crimes. Para executar esta função jurídica, ele conta com o auxílio de outros personagens. Na apuração de uma infração, a figura do agente policial deve investigar o



Existencialismo Metafísico

crime, relatar por escrito ao delegado para substanciar o inquérito. Ao escrivão, cabe reduzir a termo (escrever, colocar no papel) todos depoimentos, declarações, interrogatórios e autos. Estes formam provas e são escritas para materializar o crime, representar a infração.

As provas de um crime podem invadir as mais diversas especialidades. Em cena a figura do perito criminal, aquele especialista que vai traduzir sua especialidade num peça jurídica chamado de laudo. Ele compartilha seu conhecimento específico com as autoridades, delegados e juízes, e auxilia na apuração e julgamento, respectivamente, do crime.

Com base neste inquérito, o ministério público irá oferecer denúncia à justiça. Ele requer a condenação do acusado pela prática do crime, apurado no inquérito. O autor do crime será defendido pelo advogado. A justiça decidirá pela condenação ou não. Além do inquérito policial, tem-se um procedimento menor para crimes igualmente menores, chamado Termo Circunstanciado. Enquanto outras searas do Direito tem a sanção pecuniária (dindin) como principal, o Direito Penal tem a restrição da liberdade (xadrez) como sanção principal.

A polícia utiliza a escrita para retratar a verdade, também utilizada pela Filosofia, Ciência, Religião e a Arte, principais alicerces do conhecimento. O inquérito policial usa o texto para buscar a realidade de um crime de forma objetiva para poder julgá-la. A verdade está representada materialmente no inquérito. Este é uma peça jurídica, na qual são reunidas provas da prática de um crime e de sua autoria.

O trabalho acadêmico aproxima do trabalho do policial. Resumidamente a defesa de tese é um problema, do qual se elabora uma hipótese; posteriormente colhem dados e conclui a favor ou contra a hipótese. Da mesma forma, o inquérito policial. Diante de um crime (leia-se problema), elabora-se uma hipótese (foi o Ziza quem cometeu o ilícito); junta-se provas (dados) e conclui-se pelo indiciamento ou não de Ziza. Todo o Direito é perto disto, pois busca demonstrar a verdade por meios de provas ou evidências como prefere dizer a ciência.

Para confirmar a verdade, deve-se provar. Juridicamente provar significa convencer o juiz da existência da materialidade de um crime e de sua autoria. Em outras palavras, deve-se demonstrar que um crime ocorreu e quem o praticou. O Código de Processo Penal enumera um rol de provas para formação de um conjunto probatório, que não excluem outras provas não nominadas.

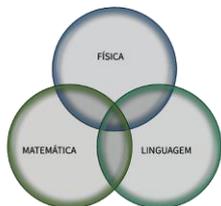
Art. 6º Logo que tiver conhecimento da prática da infração penal, a autoridade policial deverá:

I - dirigir-se ao local, providenciando para que não se alterem o estado e conservação das coisas, até a chegada dos peritos criminais; (Redação dada pela Lei nº 8.862, de 28.3.1994) (Vide Lei nº 5.970, de 1973)

II - apreender os objetos que tiverem relação com o fato, após liberados pelos peritos criminais; (Redação dada pela Lei nº 8.862, de 28.3.1994)

III - colher todas as provas que servirem para o esclarecimento do fato e suas circunstâncias;

IV - ouvir o ofendido;



Existencialismo Metafísico

V - ouvir o indiciado, com observância, no que for aplicável, do disposto no Capítulo III do Título VII, deste Livro, devendo o respectivo termo ser assinado por duas testemunhas que lhe tenham ouvido a leitura;

VI - proceder a reconhecimento de pessoas e coisas e a acareações;

VII - determinar, se for caso, que se proceda a exame de corpo de delito e a quaisquer outras perícias;

VIII - ordenar a identificação do indiciado pelo processo datiloscópico, se possível, e fazer juntar aos autos sua folha de antecedentes;

IX - averiguar a vida pregressa do indiciado, sob o ponto de vista individual, familiar e social, sua condição econômica, sua atitude e estado de ânimo antes e depois do crime e durante ele, e quaisquer outros elementos que contribuam para a apreciação do seu temperamento e caráter.

Colhidas diversas provas, conforme determinação legal, o delegado de polícia formaliza o inquérito policial e indiciará, ou não, o autor do crime. Mas o juiz apreciará livremente as provas, atendendo aos fatos e circunstâncias constantes dos autos. Na sentença, irá fundamentar o seu convencimento.

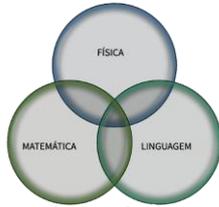
O acusado do crime será defendido por um advogado que tentará desqualificar as provas apresentadas contra seu cliente. Cientificamente diríamos falsear a tese. Nesse contexto o sistema processual brasileiro permite ao juiz apreciar livremente o conjunto probatório. Então o conjunto de provas deve ser robusto, para usar o adjetivo muito empregado pelos operadores do Direito na qualidade do conjunto de provas. Senão será passível de ser falseável a tese de acusação.

Da mesma forma, podemos analisar o conjunto probatório de estudos sobre o Decálogo e a Bíblia e concluir a verdade. Não apenas análise de uma prova isolada ou uma fonte única de verdade, como faz o monoideísmo eclesiástico para pregar sua verdade. Vejamos os estudos científicos, apresentados neste livro, em conjunto com argumentos filosóficos para falsear versão única dos biblistas.

O Decálogo escrito nas pedras divinas não existe fisicamente hoje, se é que ele existiu algum dia. Da perspectiva da linguística histórica, ainda que Javé tivesse entregado as tábuas escritas com as leis, o povo hebreu era ágrafo. Eles não teriam condições de ler, pois naquela época ainda não havia escrita. A autoria do Pentateuco, onde se encontra os 10 mandamentos na Bíblia, são atribuídos a Moisés pela Igreja. Entretanto o próprio Pentateuco não afirma isto. Segundo estudos da História, ele foi redigido na Bíblia cerca de 600 anos depois da existência de Moisés.

Do prisma histórico e contextual, os exílios egípcio e babilônico influenciaram os hebreus culturalmente, juridicamente e religiosamente. Assim o Decálogo teve fundamento no código de Hamurabi e no Livro dos Mortos. Houve uma apropriação cultural e não uma coincidência histórica a similaridade das leis.

Pela seara da Arqueologia, Filologia, Linguística, o Velho Testamento é um conjunto de lendas, contos e fábulas. Não havia grandes reinos judeus, nem palácios suntuosos e se os patriarcas bíblicos existiram, eram apenas pequenos líderes tribais. Moisés não tem registro arqueológico e nem bíblico, quicá nem existiu. O monte Sinai não existia, quando da entrega do Decálogo, mas fora escolhido aleatoriamente mais de mil anos depois por monges católicos.



Existencialismo Metafísico

Do ponto de vista filosófico, o pensamento religioso hebreu é um pensamento por meio de mitos, superado pelo pensamento racional. Do prisma mitológico, Javé convivia com outros deuses, mas tornou-se único com uma canetada do rei Josias. Ateístas asseveram que as religiões são contra as liberdades, as individualidades, o pensamento racional e direitos humanos.

A crítica redacional aponta várias contradições, incoerências, terminologias diferentes, histórias duplas e triplas, interesses geográficos e históricos no Torá, livro sagrado hebreu. Este contém os 10 mandamentos, narrados duas vezes, numa flagrante incoerência. Tal impasse é resolvido pela crítica das fontes que atribui estes erros e incoerências a várias fontes de escrita e não apenas a uma única fonte, Moisés, como quer a Igreja.

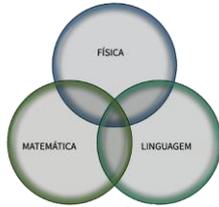
Do ponto de vista da Gramática, os 10 mandamentos não eram 10 mandamentos, mas 12 ou mais a depender da interpretação que se faz. As igrejas e os judeus não se entendem quanto à enumeração dos mandamentos e fazem acusações recíprocas de heresias.

Politicamente a Igreja apropriou das escrituras para ter poder e usa o discurso religioso para se manter no poder. O comércio da fé capitaliza a Igreja e a mantém no poder com a arrecadação de muito dinheiro. Teologicamente o paradoxo religioso com seu imperialismo nunca permitiu a desejada paz. Os dogmas acabam atrapalhando uma reflexão sobre o Criador e leva as pessoas ao ateísmo.

Juridicamente o Decálogo tem leis instintivas do homem, utilizadas por todas as tribos para um mínimo de convivência. A codificação dita divina é lacunosa (falta regular muitos crimes), imprecisa (não define penas e nem diferencia crimes, como furto e roubo), limitada (no tempo e no espaço), sem nenhuma possibilidade de vir de um ser supremo.

Os mandamentos proibitivos têm incompatibilidade com a lógica. Toda proibição nega a liberdade de escolha, então nega o livre-arbítrio.

Utilizando a técnica policial, podemos concluir. Em sintonia com o exposto, este inquérito policial apurou que a Bíblia nunca foi inspiração divina e os mandamentos cósmicos, escrito pelo próprio Deus, nunca existiu.



Existencialismo Metafísico

Considerações finais

Resumo da ópera. Javé, autor do Decálogo, convivia com outros deuses, mas tornou-se único com a reforma política e religiosa promovida por Josias que reinou em Judá até 609 aC. Na reforma religiosa, codificaram o Velho Testamento em forma de narrativa, sendo Javé o principal personagem. Ele publica diretamente suas leis em pedra, como fez o rei Hamurabi. Os 10 mandamentos não são 10, são mais e depende da interpretação da antiga escrita hebraica. Quando da entrega dos mandamentos a Moisés, o povo hebreu era ágrafo, sua língua não tinha escrita. O próprio Pentateuco nunca afirma ter sido escrito por Moisés, mas a tradição insiste na autoria mosaica.

Daqui a mil anos as crianças perguntaram: como mais de dois bilhões de pessoas acreditavam numa historinha desta?

Certamente apenas os mandamentos sem repercussão no Direito e na moral são de origem judaica, como: *Não Adorarás outros deuses, Não Fará Imagem de outro Deus e Santificai o Sábado*. Estes são mandamentos de bajulação hebraica ao seu deus. Os outros mandamentos existiam em todas as civilizações antigas, pois existiam até em grupos tribais. O Direito surge das necessidades humanas e não de mandamentos diretos do próprio Deus.

Cristãos, muçumanos e judeus asseveram a participação direta do Criador na história e sua relação com os homens. Estudiosos e pensadores negam este registro histórico e esta relação direta. A liberdade de crença deve ser respeitada. As pessoas podem acreditar no que quiser. Sereia, unicórnio, Adão e Eva.

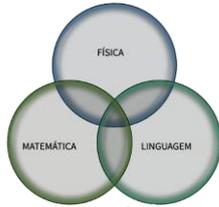
Entretanto é dever de estudiosos e pensadores mostrar o atraso teológico de mais de dois mil anos. É dever mostrar a teologia exclusivista que empacou a evolução humana com seu fixismo. As religiões com seus paradoxos e contradições não permitem crescimento da humanidade.

A humanidade tem o direito de acreditar na mitologia hebraica ou qualquer outra mitologia. Defendemos este direito, morreremos por ele, mas temos o dever demonstrar que tais explicações têm uma verdade, mas são infantis. A humanidade ainda vive uma infância intelectual presa aos mitos religiosos.

Cristãos e muçumanos somam mais da metade da população do planeta. Os monoideísmos bíblico e muçumano engessa o pensamento do homem. As religiões nunca chegaram à paz. Atrapalham o entendimento divino, acabam provendo o ateísmo individual, institucional e estatal. Por fim acabam atrasando o crescimento da humanidade.

O Direito, como a Ciência, demonstra fenômenos naturais de leis e fatos que as religiões insistem em dizer a participação direta e imediata do Criador. Elas deviam preocupar com a manifestação divina pelos processos naturais e não pelo imediatismo divino. Devem considerar o Criador em termos de causa primeira e não um provedor que intervém em tudo, como na guerra ou no futebol.

A evolução é uma força divina e não uma força cega. As pessoas crescem, evoluem e a humanidade também. As religiões devem evoluir. A involução teológica do mundo ocidental induzirá a uma reforma real. Dia virá em que o Ocidente agradecerá e



Existencialismo Metafísico

devolverá o Velho Testamento ao povo hebreu. Ele será colocado no museu teológico hebreu.

Bibliografia

Armstrong, Karem. Em Defesa de Deus. O que Realmente a Religião Significa. São Paulo-SP. Companhia da Letras. 2009.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: Promulgada em 05 de outubro de 1988. <http://www2.planalto.gov.br>, acesso em 13/09/2014, às 09h15min;

BRASIL. Decreto-lei nº 3.689, de 03 de outubro de 1941. Dispõe sobre o Código Processo Penal Brasileiro. <http://www2.planalto.gov.br/>, acesso em 13/09/2014, às 09h27min.

BRASIL. Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973. Dispõe sobre o Código Processo Civil Brasileiro. <http://www2.planalto.gov.br/>, acesso em 13/09/2014, às 09h28min.

DUCLERC, Elmir. Prova Penal e Garantismo: Uma investigação Crítica sobre a Verdade Fática Construída através do Processo. Rio de Janeiro: Lúmen Júris. 2004.

Era dos Reis Divinos. Time-Life Books. Consultores: T CMitchell e Richard L Zetter pela Mesopotâmia. Abril Livros. Roberto Civita.

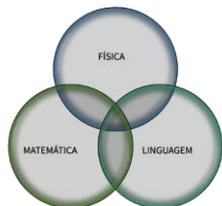
Gilgamesh, Tradução de Pedro Tamen. Lisboa, Nova Vega, 1989.

J.M. Vernet. Curso Básico de Arqueologia Bíblica, Teologado Salesiano Internacional de Ratisbonne, Jerusalém, 2001.

Luz, Marcelo da: Onde a Religião Termina? Foz do Iguaçu-Pr. Editares. 2011.

Loureiro, Carlos Bernado. A Bíblia e seus Absurdos. Salvador-Ba. 1999.

Miles, Jack. Deus, uma Biografia. São Paulo-SP. Companhia de Bolso. 2009.



Existencialismo Metafísico

NUCCI, Guilherme de Souza. Manual de processo penal e execução penal. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais. 3ª. Ed. 2007.

Roy Willis (org.). Mitologias: deuses, heróis e xamãs nas tradições e lendas de todo o mundo. [S.l.]: Publifolha, 2007. ISBN 978-85-7402-777-7

SILVA, Rodrigo Vaz, Breve análise das Provas Processo Penal, http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8466

Do Autor

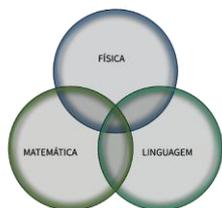
Formado em Direito pela UFU, pós-graduado, delegado de polícia aposentado e advogado. Mas este autor gosta mesmo é do conhecimento, especialmente a Filosofia e a Matemática.

Das Obras do Autor

- 1 - Polícia Real e Polícia Ideal: romance policial-filosófico;
- 2 - Ensaios, Crônicas, Contos, Etc e tal, de um Advogado: coletânea de artigos e outros do autor;
- 3 - O Inquérito Policial segundo as Letras – Diálogo entre as Letras e o Direito;
- 4 - Decálogo, Leis Humanas – Diálogo entre Direito e Teologia.
- 5 – O Processo Segundo as Letras
- 6 – O Discurso Religioso
- 7 – A Escrita Conscienciológica
- 8 – Teoria do Tudo, Via Matemática
- 9 – O Delegado de Polícia e o Princípio da Insignificância
- 10 – Direito em Síntese
- 11 – Os mesmos Fundamentos da Matemática, da Lógica, da Linguagem e da Vida
- 12 – Conscienciologia e Filosofia

Existencialismo Metafísico

www.existencialismometafisico.com / existencialismometafisico5@gmail.com



Existencialismo Metafísico

13 – Matemática e Linguagem

14 – Existencialismo Metafísico, a Última filosofia